



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
LETRAS E ARTES PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA  
MESTRADO EM LINGUÍSTICA**

ANA STELA BENTO MARINHO

**A PARTÍCULA -SE NOS CONTEXTOS DE CONSTRUÇÃO DA VOZ MÉDIA E DA  
VOZ PASSIVA SINTÉTICA EM PORTUGUÊS BRASILEIRO – UM ESTUDO  
EXPERIMENTAL**

JOÃO PESSOA – PB

2022

ANA STELA BENTO MARINHO

A PARTÍCULA -SE NOS CONTEXTOS DE CONSTRUÇÃO DA VOZ MÉDIA E DA  
VOZ PASSIVA SINTÉTICA EM PORTUGUÊS BRASILEIRO – UM ESTUDO  
EXPERIMENTAL

Dissertação submetida à Universidade Federal da Paraíba para obtenção do grau de Mestre em Linguística, área de pesquisa Teoria e Análise Linguística, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosana Costa De Oliveira

JOÃO PESSOA – PB

2022

**Catalogação na publicação  
Seção de Catalogação e Classificação**

M338p Marinho, Ana Stela Bento.

A partícula -se nos contextos de construção da voz média e da voz passiva sintética em português brasileiro : um estudo experimental / Ana Stela Bento Marinho. - João Pessoa, 2022.

77 f. : il.

Orientação: Rosana Costa de Oliveira.  
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Voz média. 2. Voz passiva. 3. Processamento linguístico. 4. Psicolinguística experimental. 5. Sintaxe experimental. I. Oliveira, Rosana Costa de. II. Título.

UFPB/BC

CDU 81'366.574 (043)



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE  
ANA STELA BENTO MARINHO

Aos vinte e oito dias do mês de fevereiro de dois mil e vinte e dois (28/02/2022), às dezesseis horas, realizou-se, via Plataforma Google Meet, a sessão pública de defesa de Dissertação intitulada **"A PARTÍCULA -SE NOS CONTEXTOS DE CONSTRUÇÃO DA VOZ MÉDIA E DA VOZ PASSIVA SINTÉTICA EM PORTUGUÊS BRASILEIRO – UM ESTUDO EXPERIMENTAL"**, apresentada pelo(a) mestrando(a) **ANA STELA BENTO MARINHO**, Licenciado(a) em **Letras** pelo(a) **Universidade Federal da Paraíba-UFPB**, que concluiu os créditos para obtenção do título de MESTRE(A) EM LINGUÍSTICA, área de concentração **Teoria e Análise Linguística**, segundo encaminhamento do(a) Prof(a). Dr(a). **Jan Edson Rodrigues Leite**, Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFPB e segundo registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação do Programa. O(A) Prof(a). Dr(a). **Rosana Costa de Oliveira** (PROLING - UFPB), na qualidade de orientador(a), presidiu a Banca Examinadora da qual fizeram parte os(a)s Professores(as) Doutores(as) **Gustavo Lopez Estivalet** (Examinador/PROLING-UFPB) e **Gitanna Brito Bezerra** (Examinadora/UFSC). Dando início aos trabalhos, o(a) senhor(a) Presidente Prof(a). Dr(a). **Rosana Costa de Oliveira** convidou os membros da Banca Examinadora para compor a mesa. Em seguida, foi concedida a palavra ao(à) Mestrando(a) para apresentar uma síntese de sua Dissertação, após o que foi arguido(a) pelos membros da banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição os examinadores deram o parecer final sobre a Dissertação, ao qual foi atribuído o conceito **APROVADA**. Proclamados os resultados pelo(a) professor(a) Dr(a). **Rosana Costa de Oliveira**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar a presente ata foi lavrada e assinada por todos os membros da Banca Examinadora. João Pessoa, 28 de fevereiro de 2022.

Observações

---

---

---

Prof(a). Dr(a). Rosana Costa de Oliveira (Presidente da Banca Examinadora)



Documento assinado digitalmente

Gitanna Brito Bezerra

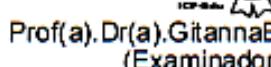
Data: 01/07/2022 17:09:47-0300

CPF: 067.926.704-21

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>



Gustavo Lopez Estivalet  
(Examinador)



Prof(a). Dr(a). Gitanna Brito Bezerra  
(Examinadora)

*Aos que acreditaram e me ensinaram a acreditar.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que participaram de meu processo de formação educacional e pessoal, pois muito a elas pertence o mérito pelo minha caminhada. Devido a todo apoio, motivação e reconhecimento pude acreditar que seria capaz de realizar uma pós-graduação, algo ainda tão impensável para tantas pessoas em nosso país.

Sou grata por toda paciência e encorajamento vindos de pessoas sempre muito queridas: principalmente à minha mãe, Rogênia, que foi meu colo e meu porto seguro quando pensei que não seria capaz, todo o meu agradecimento e amor. A meu pai, Marcelo, que sempre me fez sentir como a pessoa mais capaz do mundo. À toda a minha família, sempre feliz em ver meu crescimento e realizações, sou extremamente agradecida por serem sempre pessoas que enxergaram um futuro melhor para todos nós. A meu companheiro, Júnior, que, com muita empatia e amor, sempre me acolheu e impulsionou a fazer o meu melhor.

Aos amigos que descobri na vida acadêmica, de longo ou mais curto tempo, que sempre estiveram dispostos a ajudar, ou ouvir quando nada podia ser feito. Célia, Matheus, Laiane, Maylton, Jefferson e Renata foram parte muito relevante durante todo o processo. A vocês meus mais sinceros e profundos agradecimentos. Sem sua ajuda, não sei como teria conseguido.

Aos professores e membros do Laprol, sempre muito solícitos e muito competentes em suas habilidades, que foram de extrema importância para a finalização desta pesquisa. Particularmente à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosana Costa de Oliveira, minha orientadora, sempre muito compreensiva e quem acreditava muito em minha capacidade. Ao Prof. Dr. José Ferrari Neto, por ajuda fundamental durante todo o processo, desde a teoria até a análise estatística, não tenho nem palavras para agradecer. Da mesma forma, ao Prof. Dr. Gustavo Lopez Estivalet, sempre apoiador e dando o seu melhor para que eu conseguisse caminhar corretamente para a realização dos passos necessários a uma pesquisa científica.

À Capes, pelo financiamento durante boa parte de meu processo de pesquisa.

Agradeço, finalmente, por ter conseguido concluir esse projeto a que me propus, pois, apesar de não ter sido um trajeto fácil, mostrou-se ser um processo muito valioso e construtivo.

## RESUMO

Há, nos estudos linguísticos, uma discussão profunda a respeito do conceito de voz média (ou voz medial) no português brasileiro (PB). Paralelamente a isso, existe a gramática normativa, que propõe um esquema simplificado de apenas três vozes, em que o sujeito aparece representado como agente, na voz ativa, como paciente, na voz passiva, ou como agente e paciente ao mesmo tempo, na voz reflexiva. Este estudo apresenta, com fundamentação teórica nos dizeres de Camacho (2003), uma construção caracterizadora da voz média no PB que se dá através do uso do clítico -se. Tal construção também se dá para a voz passiva sintética, o que faz com que haja semelhança formal entre os casos, além de tornar possível que aconteça uma atribuição de sentido que não fique atrelada tão somente a uma única vertente linguística – sintática ou morfológica, por exemplo. Portanto, esta análise tem como objetivo observar como se dá a relação desse clítico na formação dessas vozes, bem como analisar os fatores que podem contribuir para que a sentença seja interpretada como passiva ou como média. A análise deu-se experimentalmente através da técnica *online* de leitura automonitorada (*self-paced reading*) de frases que contemplavam as duas estruturas de vozes verbais, observando a influência do tipo de sujeito - inanimado ou animado - para a interpretação das construções. Realizaram-se dois experimentos com as mesmas frases, mas com perguntas diferentes. No primeiro experimento, a pergunta foi apenas uma sonda, para manutenção de atenção nas frases. No segundo, o sujeito escolhia uma opção mais média ou mais passiva, na segunda, pergunta de interpretação para checar preferência de voz. Os experimentos foram aplicados em indivíduos adultos, com nível de escolaridade de ensino superior completo ou incompleto. Esperou-se que os verbos enquadrados na categoria de voz passiva fossem mais facilmente processados e tivessem mais preferência nas interpretações em detrimento da categoria de voz média, visto que esta categoria parece demandar mais esforço no momento do processamento. No entanto, os resultados mostraram os verbos de voz passiva obtendo maior tempo de leitura no segmento crítico. Já no tempo de resposta à pergunta, a voz passiva, bem como o sujeito animado obtiveram menores tempos de leitura. Com os resultados dessa pesquisa, pretende-se contribuir com a conceituação de voz média no PB, além de sugerir caminhos para uma melhor diferenciação entre as duas categorias analisadas.

**Palavras-chave:** Voz média; Voz passiva; Processamento linguístico; Psicolinguística experimental; Sintaxe experimental.

## ABSTRACT

In linguistic studies, there is a deep discussion regarding the concept of middle voice (or medial voice) in Brazilian Portuguese (BP). Parallel to this, there is normative grammar, which proposes a simplified scheme of just three voices, in which the subject appears represented as an agent, in the active voice, as a patient, in the passive voice, or as an agent and patient at the same time, in the reflective voice. This study presents, with theoretical foundation in the words of Camacho (2003), a construction characterizing the middle voice in BP that occurs through the use of the clitic -se. This construction also applies to the synthetic passive voice, which means that there is a formal similarity between the cases, in addition to making it possible for an attribution of meaning to occur that is not tied solely to a single linguistic aspect – syntactic or morphological, for example. Therefore, this analysis aims to observe how the relationship between this clitic occurs in the formation of these voices, as well as analyzing the factors that can contribute to the sentence being interpreted as passive or as average. The analysis took place experimentally through the online technique of self-paced reading of sentences that included the two structures of verbal voices, observing the influence of the type of subject - inanimate or animate - on the interpretation of the constructions. Two experiments were carried out with the same sentences, but with different questions. In the first experiment, the question was just a probe, to maintain attention on the sentences. In the second, the subject chose a more average or more passive option, in the second, an interpretation question to check voice preference. The experiments were applied to adult individuals, with complete or incomplete higher education. It was expected that verbs falling into the passive voice category would be more easily processed and would have more preference in interpretations to the detriment of the middle voice category, as this category seems to require more effort at the time of processing. However, the results showed passive voice verbs obtaining greater reading time in the critical segment. In terms of response time to the question, the passive voice, as well as the animated subject, had shorter reading times. With the results of this research, we intend to contribute to the conceptualization of average voice in BP, in addition to suggesting ways to better differentiate between the two categories analyzed.

**Keywords:** Middle voice; Passive voice; Linguistic processing; Experimental psycholinguistics.

## **Lista de Figuras**

Figura 1 - Diferença entre voz reflexiva e voz média (Kemmer, 1994) _____	15
Figura 2 - Ilustração da ação verbal em construções passivas (autoral). _____	18
Figura 3 - Tela de preenchimento de dados do participante _____	29
Figura 4 Tela de instruções_____	30
Figura 5 - Exemplo de exibição do segmento 01 – adjunto adverbial _____	30
Figura 6 - Exemplo de exibição do segmento 02 – verbo + partícula –se _____	31
Figura 7 - Exemplo de exibição do segmento 03 – sujeito _____	31
Figura 8 - Exemplo de exibição do segmento 04 – adjunto adverbial _____	31
Figura 9 - Exemplo de exibição da pergunta-sonda _____	32
Figura 10 - Exemplo de exibição da pergunta de interpretação _____	32

## **Lista de Gráficos**

Gráfico 1 - Teste de frases - VMSA (Voz média com sujeito animado). Interpretação provável: sujeito ativo, indicando voz média. ....	26
Gráfico 2 - Teste de frases - VMSI = Voz média com sujeito inanimado. Interpretação provável: sujeito paciente, indicando voz passiva. ....	27
Gráfico 3 - Médias de tempo de reação dos segmentos crítico e pós-crítico para a variável de voz.....	35
Gráfico 4 - Médias de tempo de reação dos segmentos crítico e pós-crítico para a variável de animacidade .....	36
Gráfico 5 - Médias de tempo de reação para o segmento crítico nas quatro condições .....	36
Gráfico 6 - Médias de tempo de resposta para a pergunta-sonda nas quatro condições .....	37
Gráfico 7 - Análise do rt de resposta à pergunta-sonda .....	37
Gráfico 8 - Médias de tempo de reação da resposta à pergunta-sonda para tipo de voz.....	38
Gráfico 9 - Médias de tempo de reação da resposta à pergunta-sonda para animacidade .....	38
Gráfico 10 - Médias de tempo de leitura para cada uma das quatro condições e pergunta-sonda .....	39
Gráfico 11 - Médias de acertos para respostas à pergunta-sonda .....	40
Gráfico 12 - Médias de tempo de leitura para a variável de voz .....	42
Gráfico 13 - Análise estatística por fatores do segmento crítico .....	42
Gráfico 14 - Médias de tempo de leitura para a variável de animacidade.....	43
Gráfico 15 - Médias de tempo de leitura para cada condição experimental.....	43
Gráfico 16 - Análise estatística das condições experimentais .....	44
Gráfico 17 - Médias de tempo de reação para o segmento pós-crítico.....	45
Gráfico 18 - Análise estatística do tempo de resposta para a pergunta.....	45
Gráfico 19 - Tempo de resposta para pergunta – variável de voz .....	46
Gráfico 20 - Tempo de resposta para pergunta – variável de animacidade.....	46
Gráfico 21 - Média de tempo de resposta para cada condição experimental .....	47
Gráfico 22 - Contagem de acertos e erros para a pergunta por condição experimental .....	48
Gráfico 23 - Contagem de acertos e erros para a pergunta por variável de voz .....	49
Gráfico 24 - Contagem de acertos e erros para a pergunta por variável de animacidade .....	50

## **Lista de Tabelas**

Tabela 1 - Hipótese de esquema de papéis temáticos para verbos de voz média ou passiva .....	23
--	----

## **SUMÁRIO**

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>7</b>
2.1 DESCRIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO: A PERSPECTIVA NORMATIVA .....	7
2.1.1 A VOZ MÉDIA.....	7
2.1.2 A VOZ PASSIVA.....	9
2.2 OUTRAS PERSPECTIVAS .....	12
2.2.1 A VOZ MÉDIA.....	12
2.2.2 A VOZ PASSIVA.....	16
2.2.3 ESTUDOS EXPERIMENTAIS SOBRE VOZ MÉDIA E/OU VOZ PASSIVA ..	18
2.3 ANIMACIDADE .....	20
2.4 PAPÉIS TEMÁTICOS .....	22
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>24</b>
3.1 DESCRIÇÃO DOS EXPERIMENTOS .....	28
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>35</b>
4.1 EXPERIMENTO 1 – .....	35
4.2 EXPERIMENTO 2 – .....	41
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>56</b>
<b>6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>59</b>
<b>7 ANEXOS.....</b>	<b>62</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A discussão sobre a definição ou até mesmo a existência da categoria de voz média no Português Brasileiro (PB) se estende há tempos e, mesmo após uma quantidade bastante razoável de estudos, ainda existe uma certa dificuldade para que se firme um consenso a respeito desse tema. Um dos pontos principais é o da diferenciação entre esse conceito e os demais existentes no quadro de vozes verbais do PB, visto que, além de a voz média não ser tão bem explorada e haver mais foco no estudo das vozes ativa, passiva e reflexiva, não há também uma linha clara que delimita as características que separam cada uma em uma categoria bem definida. Algo que é comum de ser utilizado nessa categorização é a noção de transitividade verbal, mas também se mostra bastante problemática, pois não parece suficiente para deixar firmada a divisão conceitual, gerando, muitas vezes, ambiguidade e/ou falta de clareza.

Para ilustrar essas questões, pode-se encontrar definições de voz (ativa, passiva e reflexiva) estabelecidas por autores de diferentes abordagens teóricas que sequer citam a existência da voz média, ou que pouco se dedicam a definir esse conceito em gramáticas normativas ou literatura ainda mais especializada.<sup>1</sup>

Vê-se, por exemplo definições como a de Said Ali (1964), que já tratava do conceito medial (de voz média) considerando os fatores de construção morfológica bem como questões semânticas, com exemplos tais quais os seguintes:

- (1) Pedro *matou-se*.
- (2) Renato *feriu-se* nos espinhos.
- (3) *Afastei-me* do fogo.
- (4) Todos *se queixaram* da grave injustiça. (SAID ALI, 1964)

Nos exemplos acima, o autor tem uma categorização para a voz média de acordo com situações específicas definidas por ele (de acordo com a ordem dos exemplos) como:

<sup>1º</sup> Ação rigorosamente reflexa, que o sujeito em vez de dirigir para algum ente exterior, pratica sobre si mesmo (...) <sup>2º</sup> Estado ou condição nova, equivalendo a forma reflexa à combinação de ficar com particípio do pretérito(...) <sup>3º</sup> Ato material ou movimento que o sujeito executa em sua própria pessoa, idêntico ao que executa em coisas ou outras pessoas, sem haver propriamente a idéia de direção reflexa como no

---

<sup>1</sup> É possível citar autores como AZEREDO, 2014; BECHARA, 2014; CEGALLA, 2010; CEREJA, 2005 no que se refere às gramáticas normativas, além de Said Ali (1964), que tem uma perspectiva normativa, mas que trata de forma dedicada a voz média. Duarte, 2005; Camara Jr., 1977; Chafe, 1979; Santos & Maia, 2017 podem ser trazidos para o que se fala sobre autores que trabalham a língua de forma teórica, não necessariamente pelo viés normativo, mas por análises feitas através de diferentes metodologias.

1º caso(...) 4º Ato em que o sujeito aparece vivamente afetado. (sic. SAID ALI, 1964)

Além dessas categorias, Said Ali (1964) considera questões como a formação dessa voz através da união do verbo ao pronome -se, definido por ele como reflexivo, e a situação de afetação do sujeito no que seria normalmente um caso de voz ativa (quando o sujeito não é afetado por ação alguma, mas a pratica sobre um objeto, como em *O rapaz fez a lição*), caso a ação não retornasse ao iniciador desta. Além disso, também é definida a função de determinar ações entre dois sujeitos de forma recíproca.

Percebe-se uma delimitação bem estruturada até o ponto em que o autor afirma que “não há regra segundo a qual se possa determinar quais os verbos que devem entrar nesta última categoria”, quando se refere a 4ª categoria proposta em sua teoria. Isso demonstra ainda instabilidade na compreensão do que deve ou não ser classificado como voz média (ou medial, segundo o autor).

É oferecido como aporte para diferenciar os conceitos de voz média e voz reflexiva (quando um sujeito é, ao mesmo tempo, praticante e afetado pela ação verbal) a possibilidade de “prova real” ao acrescentar-se as expressões *um ao outro*, *uns aos outros* para casos **de média recíproca**, como em

(5) Honramo-nos *um ao outro*.

ou *a nós mesmos*, *a vós mesmos*, *a si mesmos* para casos de voz reflexiva, como

(6) Honramo-nos *a nós mesmos*.

O autor menciona ainda a situação de verbos que sempre são definidos como de voz média, como *atrever-se*, *queixar-se*, a qual deve-se classificar como *verbos essencialmente pronominais*. Isso também se mostra um pouco confuso, pois não fica claro se todo verbo essencialmente pronominal será considerado como formador de voz média, já que não foi bem determinada a variedade de verbos categorizados nessa situação.

É importante perceber também que Said Ali (1964) não estabelece diferenciação entre a voz média e voz passiva (caso em que o sujeito é apenas afetado pela ação verbal) sintética ou analítica, mesmo que a passiva sintética tenha a estrutura morfológica muito semelhante à da média até então proposta.

Seguindo pela definição teórica da categoria de voz média, é possível encontrar alguns estudiosos (Camacho, 2003; Ferrari Neto, Silva & Fortes, 2010) que citam as análises de Câmara Jr (1972; 1977), tecendo considerações sobre o que o autor

apresenta a respeito dessa categoria no PB, porém sempre chamando a atenção para o fato de que essa classificação acaba ficando confusa, pois os conceitos envolvidos no estudo se firmam muito próximos, o que acaba por criar uma certa confusão ou opacidade na caracterização de cada caso tratado como voz média.

Isso reforça a ideia de que a definição do conceito de voz média ainda se demonstra problemática no PB, fazendo-se necessária, ainda, a análise dessa categoria, a fim de tornar a sua categorização mais embasada e assertiva. Torna-se ainda mais notória essa necessidade quando percebemos que há ainda poucos trabalhos realizados experimentalmente na área de psicolinguística que observem a questão da voz média em PB. É possível encontrar trabalhos que analisam questões diversas relacionadas à voz média, mas, até o presente momento, viu-se apenas dois que o fazem através da perspectiva psicolinguística. (SANTOS & MAIA, 2017; MAIA, OLIVEIRA & SANTOS, 2015).

Camacho (2003), no entanto, estuda sobre a voz média de forma mais aprofundada e traz uma definição mais sólida, que demonstra indícios de uma categorização mais bem definida, mostrando questões além das mencionadas por Said Ali (1964) e que são bastante relevantes para a definição dessa voz verbal. Como exemplo disso, pode-se trazer o destaque que aquele autor dá para uma questão de variação que possivelmente se limita apenas à voz média, ao observar que verbos categorizados por ele dessa forma têm uma singularidade situada na capacidade de suprimir o clítico –se e manter o sentido e a relação com o sujeito inalterados – “somente construções médias permitem a supressão do clítico, que é nesse caso o morfema marcador”.

Para ilustrar essa afirmação, Camacho (2003) traz os seguintes exemplos:

- (7) *Maria curvou um pouco mais para ver melhor o animal.*
- (8) *Maria ajoelhou para rezar.* (Camacho (2003), grifos do autor)

Assim, fatores como a construção formal da estrutura verbal já começam a se mostrar relevantes, trazendo um novo modo de perceber o comportamento dessa voz verbal.

É interessante citar aqui que outros trabalhos trazem esse mesmo destaque de ocultação do clítico e manutenção de sentido para a caracterização da voz reflexiva, tal como em Lacerda (2014). No entanto, é necessário deixar claro que esse tipo de definição não será adotada aqui, devido ao fato de que a pesquisa da autora se baseia na variação dialetal de mineiros e paraibanos; e, de acordo com os resultados de sua

investigação, há diferenciação suficiente nos contextos de produção para que as frases experimentais com verbos caracterizadas como de voz reflexiva e com supressão do clítico não fossem rapidamente processadas pelos paraibanos, mostrando que essa variação é produtiva de forma efetiva no estado de Minas Gerais, com pouca relevância no estado da Paraíba.

Portanto, para que não haja prevalência de dialeto algum, desconsidera-se esse caso como caracterizador de voz reflexiva como regra para uma possível composição de quadro de vozes do Português Brasileiro (PB).

Devido aos fatores que foram expostos, vê-se a necessidade de contribuição para o tratamento desse tema, buscando uma homogeneidade para a categorização da voz média em comparação ao quadro de vozes atual trabalhado pela gramática normativa.

O objetivo deste trabalho é verificar se há influência na interpretação do tipo de voz do verbo – passiva ou média – com uso do clítico -se de acordo com o tipo de sujeito a que estiver relacionado – animado ou inanimado. A hipótese inicial é de que há interferência na interpretação quando o verbo estiver relacionado a um tipo de sujeito ou outro. Isso porque questões semânticas e formais,<sup>2</sup> como a animacidade, por demonstrar mais coerência para o indivíduo no que se refere à capacidade de iniciar ações, provavelmente influenciam o tempo de processamento linguístico. (MAIA, OLIVEIRA & SANTOS, 2015)

Como animacidade, considerou-se aquilo que tem vida e/ou consegue mover-se de maneira independente e consciente, de forma concreta ou abstrata (no que se refere a emoções, por exemplo). Dessa forma, inanimado considerou-se aquilo que não consegue, de forma independente e consciente, desempenhar uma tarefa, seja ela concreta ou abstrata. Com isso, são considerados inanimados objetos ou elementos não sencientes/ conscientes da natureza, tais como minerais e vegetais, por exemplo.

Além disso, esperou-se que os verbos enquadrados na categoria de voz passiva fossem mais facilmente processados e tivessem mais preferência nas interpretações em detrimento da categoria de voz média. Isso porque, de acordo com Santos & Maia (2017), “verbos representados pela voz média são causados

---

<sup>2</sup> Também admitidas teoricamente por autores aqui já citados, mas não consideradas a ponto de propor uma reflexão mais aprofundada sobre as questões de animacidade do sujeito e das implicações de compreensão sobre voz média.

externamente”, com isso, possuem a característica de “não possuir um constituinte com propriedade agentiva explicitamente expresso”, o que muito provavelmente leva a um maior tempo de processamento de frases construídas com a voz média, visto que o leitor teria que resgatar a ação de volta para o sujeito, enquanto geralmente direcionaria essa ação a um objeto separado deste, como acontece em casos de voz ativa, por exemplo.

Com isso, propôs-se o desenvolvimento de uma descrição, detalhada ao longo deste trabalho através de dados obtidos em experimentos e de categorização em quadro descritor (pg. 23), baseada em uma análise estatística, sob o enfoque da metodologia experimental, que pudesse colaborar para a discussão dessa problemática.

A partir dessas considerações, é possível pensar que a carga informational presente nos verbos de voz média necessita de maior esforço para a assimilação do significado da frase, fazendo com que o processamento seja mais custoso para esse tipo de voz verbal. Portanto, assume-se aqui a hipótese de que os verbos mais tipicamente enquadrados na voz passiva sejam mais facilmente processados, tendo preferência nos momentos de interpretação no julgamento das frases apresentadas no experimento, consequentemente com menos tempo de processamento que as frases de voz média. (SANTOS & MAIA, 2017)

Dessa forma, tem-se a intenção de demonstrar de que esta voz verbal é uma categoria que ainda existe na língua, no entanto pode estar caminhando para um apagamento no que se refere às estruturas sintáticas vigentes. Assim sendo, esse poderia ser classificado, de acordo com os estudos funcionalistas, um momento de variação. (CUNHA & TAVARES, 2016)

Para verificar essas questões, utilizou-se um experimento psicolinguístico *online*, através da técnica de leitura automonitorada (*self-paced reading*), para observar o tempo de leitura nas variáveis experimentais mencionadas (sujeito animado X sujeito inanimado; verbo de voz passiva X verbo de voz média). Os participantes foram pessoas com escolaridade de nível superior (completo ou não), pois isso proporciona uma maior maturidade no julgamento das sentenças, devido a uma capacidade leitora mais desenvolvida. (PACHECO & SANTOS, 2017)

Dessa forma, existe a possibilidade de haver um momento de variação, pois supõe-se a existência da voz média no quadro de vozes no português brasileiro. Fundamentando-se nas pesquisas de Camacho (2003; 2006) e Ferrari, Silva & Fortes

(2010), é possível perceber que a construção de voz verbal média é um fato, e que passou por diversas influências através da evolução da língua, o que acabou resultando em uma mescla dos usos das diferentes vozes verbais. Com isso, nota-se que os conceitos e compreensões acerca dessa voz acabaram se tornando pouco palpáveis ou até aparentemente inexistentes.

A seguir, serão discutidas as diferentes abordagens relacionadas ao conceito de voz verbal, de forma normativa, ou mais exploradora, através de estudos linguísticos, baseados em metodologias de investigação do uso e do processamento dessa categoria. Dessa forma, em seguida, define-se a abordagem teórica de animacidade, de papéis temáticos, bem como a metodologia aqui abordada, a fim de discutir os resultados obtidos pelos experimentos linguísticos propostos.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 DESCRIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO: A PERSPECTIVA NORMATIVA

Percebe-se que os temas trabalhados nos momentos de aprendizagem, desde a educação básica até a superior, são muito produtivos no que se refere à pesquisa, pois fornecem dados e situações que promovem a problematização de situações e de conteúdos da língua. Entendido isso, nota-se que talvez a maior dificuldade ao ser trabalhado o conceito de voz média seja justamente a escassa abordagem desse tipo de voz verbal nas salas de aula pois, assim, acaba por existir um certo bloqueio quanto ao desenvolvimento dessa teoria nos meios escolar e acadêmico.

Essa mesma questão se reflete através das gramáticas normativas (GN), livros que ainda norteiam a maioria dos estabelecimentos de ensino no que se refere ao estudo da nossa língua. É notório, quando se pesquisa sobre o conceito de voz média, que é um assunto praticamente em extinção nos tópicos das GN. Dificilmente é um ponto abordado e, quando é, geralmente é de forma muito sucinta e, por vezes, confusa. Por isso, fez-se relevante elencar aqui o que se define normativamente, visto que ainda é um conceito de valor para o ambiente de aprendizagem.

#### 2.1.1 A VOZ MÉDIA

No levantamento feito para a análise, em cinco gramáticas normativas<sup>3</sup>, identificou-se definições para voz média em apenas duas<sup>4</sup>, o que confirma o afastamento desse conceito da tradição linguística. Com isso, percebe-se aqui uma possível influência negativa, que esteja talvez encaminhado essa voz verbal para uma espécie de “apagamento”, visto que a pouca visibilidade faz com que seja desconsiderada ou simplesmente reduzida a uma adaptação dentro de outros conceitos mais gerais, como um tipo de voz reflexiva, por exemplo.

Um dos dois autores que mencionam a voz média em gramáticas normativas e se encaixa nessa tendência de categorização relacionada ao conceito de reflexividade é Said Ali (1964), propondo, por exemplo, que a voz média é constituída por um verbo acrescido de um pronome reflexivo: “Chama-se VOZ MÉDIA ou MEDIAL ao verbo conjugado com o pronome reflexivo.” (SAID ALI, 1964)

---

<sup>3</sup> Azeredo (2014); Bechara (2014); Cegalla (2010); Cereja (2005); Said Ali (1964).

<sup>4</sup> Said Ali (1964); e Azeredo (2014)

Apesar de ser um conceito interessante e que caminha para algo mais robusto, quando se observa toda a proposta teórica (com a descrição de tipos de significações dessa estrutura verbal em diferentes contextos semânticos), deixa pontas soltas no que se refere à diferenciação propriamente dita da voz verbal, pois permanece a conexão ao conceito de outra voz, que deveria ser distinta, não geradora.

Ainda sobre as GN que definem a voz média, encontrou-se também a definição de Azeredo (2014), que descreve esta voz através de uma construção teórica de categorização levando em conta as vozes ativa, passiva e reflexiva, ao mesmo tempo em que define esta última como um tipo de voz média, a qual é definida como uma categoria mais ampla. Percebe, assim, uma maior segurança no tratamento do conceito de voz média, mas ainda muito atrelado ao conceito de voz reflexiva, colocando esta como uma variação daquela. Isso traz uma certa inconsistência na classificação, pois, já que a voz reflexiva seria uma variação da voz média, haveria então uma “voz média reflexiva”? Não fica claro como se deve de fato tratar as classificações verbais.

O autor ainda menciona o fato de haver uma “controvérsia em torno do caráter da chamada voz reflexiva” (Azeredo, 2014), trazendo o conceito de que esta seria caracterizada por verbos que são iniciados por um sujeito que acaba por ser afeto pela mesma ação. Ao mesmo tempo, caracteriza a voz média como a que é construída por um verbo pronominal e denota uma ação não iniciada pelo sujeito, além de levantar a questão da expressão de sentimento, em verbos como “alegrou-se”, “indignar-se” etc.

Essa reflexão, no entanto, ainda se mostra simplista, visto que questões como a dos verbos de mudança de postura corporal (Camacho, 2003; Kemmer, 1994), por exemplo, não são consideradas, apesar de o mesmo princípio discutido, de expressão de ações em que “ao sujeito só resta o papel de ser afetado” (Azeredo 2014), aparecer na mesma proporção.

É relevante mencionar que, das duas gramáticas que contemplam o conceito de voz média, apenas uma delas é atualizada, mostrando a tendência do apagamento desse conceito, também sugerido aqui. A análise das outras três GN – Bechara (2014); Cereja (2005); Cegalla (2010) – não encontrou nenhuma menção ao conceito de voz média. Porém, encontra-se, em Cegalla (2010), a seguinte definição, para a qual vale destaque:

Observações: Não se deve atribuir sentido reflexivo a verbos que designam sentimentos, como *queixar-se*, *alegrar-se*, *arrepender-se*, *zangar-se*, *indignar-se* e outros meramente pronominais. O pronome átono como que se dilui nesses verbos, dos quais é parte integrante. A prova de que não são reflexivos é que não se pode dizer, por exemplo, *zango-me a mim mesmo*. (CEGALLA, 2010), p. 221. Grifos do autor)

Percebe-se a preocupação em diferenciar o conceito de voz reflexiva de outros casos específicos, nesse caso tratados como verbos pronominais, ou essencialmente pronominais, visto que o autor considera o pronome como parte integrante do verbo.

É interessante também notar como essa (aparentemente) simples diferenciação é capaz de trazer um breve encaminhamento para a compreensão do que se trata aqui como voz média. Observe-se um dos trechos que trata sobre a questão da relação de oposição entre a voz média e a reflexiva, de acordo com Camacho (2003):

Construções enfáticas, com o SP *a si mesmo(a)* soam estranhas em construções médias, a não ser que alguma situação especial esteja envolvida, como as de (7c-d). Essas sentenças requerem uma forma ainda mais pesada fonologicamente, que se traduz formalmente no uso do oblíquo tônico reforçado com os anafóricos *mesmo* e *próprio*: (...) (7) c. *Antônio vestiu-se a si mesmo pela primeira vez após a cirurgia.* d. *Antônio vestiu-se a si próprio não a seu irmão.* Assim, no português, em que o marcador reflexivo e o médio são idênticos, os únicos casos em que é viável uma marcação distintiva para a interpretação medial, é na situação contrastiva e/ou enfática, que requer o uso de *si mesmo*. (CAMACHO, 2003, p. 97. Grifos do autor)

Para a análise aqui desenvolvida e aplicação experimental do conceito, trata-se a definição de voz média de acordo com os dizeres de Camacho (2003; 2006), visto que ultrapassam as definições dadas pelas GN, fazendo com que se possa ter mais solidez no tratamento do conceito, a fim de investigá-lo e colocá-lo à prova de maneira mais embasada e segura. Isso porque os manuais normativos da língua muitas vezes acabam impondo uma caracterização muito engessada a essas definições, o que pode impedir uma evolução no tratamento delas e das adequações que a língua traz através dos processos de mudanças e variações. Por isso, entende-se aqui a importância dos conceitos firmados por autores pesquisadores e que imprimem a preocupação com essas questões em seus trabalhos.

## 2.1.2 A VOZ PASSIVA

Diferentemente do que se viu com a definição da voz média, encontram-se vários autores que definem a voz passiva. Isso porque já é uma categoria muito

produtiva linguisticamente, além de ser amplamente aceita nos ambientes de ensino e pelos manuais de língua. Em todas as GN analisadas, encontram-se definições para esse tipo de voz verbal. Seguem analisados alguns desses conceitos aqui. Bechara (2014) diz que a “Forma verbal que indica que a pessoa é o *objeto* da ação verbal. A pessoa, neste caso, diz-se *paciente* da ação verbal: *A carta é escrita por mim*. A passiva é formada com um dos verbos: *ser, estar, ficar*, seguido de *particípio*.” (BECHARA, 2014, pg. 59. Grifos do autor). Como na maioria dos conceitos trazidos por esse autor, esse tipo de voz verbal é tratado de forma muito breve e sucinta.

Da mesma forma, vê-se na definição de Cereja (2005) um conceito bastante breve, definindo essa voz verbal por ela ter um sujeito que é alvo da ação expressa pelo verbo, em que aquele é chamado de sujeito paciente. Além disso, também menciona a questão da dupla possibilidade de formação da voz passiva – como analítica ou sintética, em que surge o uso do clítico –se (nomeado como *pronomé apassivador* pelo autor) apenas no segundo caso. O autor ainda faz referência à formação da voz passiva sintética mais comum nos casos em que o verbo aparece antes do sujeito paciente, porém, não haverá aprofundamento nesse ponto, visto que a influência da posição na construção da frase não está sendo analisada neste trabalho.

De acordo com o que foi visto, já é possível perceber uma definição dos tipos de voz passiva, mas ainda de forma muito resumida, o que não fornece segurança suficiente para que seja feito um trabalho aprofundado acerca desse conceito. Por isso, tornou-se necessário trazer as definições colocadas pelos autores trabalhados no tópico de voz média: para acompanhar suas linhas teóricas e por tratarem esse conceito com mais detalhamento.

A definição de Azeredo (2014) para voz passiva mostra especificações sobre a classificação desta citando Câmara Jr (1941), para observar a construção da intenção de significado do SV, em que tem-se a explícita finalidade de tornar o paciente da ação do verbo em sujeito. Além disso, mostra as questões entre passiva analítica e sintética, trabalhando a questão de que esta última torna o agente da ação verbal *obrigatoriamente indeterminado*. Nota-se ainda uma brevidade no tratamento do assunto.

Já Said Ali (1964) mostra a formação da passiva através da ativa e preocupa-se em mostrar a questão estrutural dessa formação, dizendo que “O verbo transitivo na sua forma usual simples denota que a ação procede do sujeito (...) acha-se na VOZ

ATIVA. Com uma forma adequada o verbo transitivo pode inversamente exprimir que a ação se dirige para o sujeito (...) então está na VOZ PASSIVA" (SAID ALI, 1964). Assim, o autor chama atenção para o movimento de transformação do direcionamento da ação verbal em relação ao sujeito da sentença, refletindo sobre as questões de abrangência mais direta, como na voz ativa, mas observando que pode ocorrer o caso de inversão desse direcionamento, denotando uma passividade do sujeito. Continua ainda nessa mesma linha de pensamento detalhando essa transformação das vozes verbais, mostrando que "Forma-se a voz passiva, combinando o particípio do pretérito com o auxiliar ser. O agente ou sujeito do verbo na ativa passa a ser complemento de causa eficiente na voz passiva: Pedro é *visitado* por Paulo. (...) Serve de sujeito na construção passiva o término que na voz ativa servia de objeto direto." (SAID ALI, 1964) Aqui vê-se a especificação no que se refere à formação da voz passiva em sua forma mais extensa, como locução verbal. O autor chama atenção para as questões que envolvem a variação de função do sujeito da frase da voz ativa quando adaptada à passiva.

Com esse autor, é notório que dispõe-se mais tempo e reflexão para a explicação sobre a categoria de voz passiva. No entanto, ainda não fica clara a formação da voz passiva sintética, aqui analisada.

Por último, viu-se Cegalla (2010), que define o conceito de voz passiva levando em conta questões semelhantes – menos reflexivas, mas mais diretas – às vistas por Said Ali (1964). No entanto, traz o adendo da voz passiva analítica, tratada como "A voz passiva, mais frequentemente, é formada: (...) com o pronome apassivador se associado a um verbo ativo de 3<sup>a</sup> pessoa. Nesse caso, temos *voz passiva pronominal*." (CEGALLA, 2010)

Apesar de se mostrar mais completa esta última definição, é importante aqui ressaltar uma questão levantada pelo autor e que se mostra bastante problemática, trazendo ainda mais respaldo para a necessidade de melhor investigação acerca da voz passiva sintética. Vê-se essa problemática quando o autor diz que "Por clareza, preferir-se-á a passiva analítica toda vez que o sujeito for uma pessoa ou animal que possa ser o agente da ação verbal. Exemplo: **Foi retirada** a guarda. ['**Retirou-se** a guarda' tanto pode ser passiva como reflexiva.]" (CEGALLA, 2010)

Nesse caso, deve-se reconhecer a preocupação do autor para tentar alinhar os conceitos da melhor maneira, fazendo com que haja pouca margem para eventuais confusões no momento de classificação dos sintagmas verbais quanto à voz. No

entanto, ainda não é o suficiente para que se firme uma certeza quando considerado o caso de sujeitos inanimados ocupando o papel de pacientes, pois o autor deixa aberta a classificação de forma ambígua entre voz passiva sintética ou um caso de indeterminação do sujeito.

Pensando a respeito de questões como essa, mais à frente, será trabalhado o conceito de **animacidade** e como esse fator pode interferir na interpretação da relação entre verbo e sujeito na sentença.

No próximo tópico, uma definição trazida por Camacho (2006) dará mais embasamento teórico para o conceito de voz passiva sintética.

## 2.2 OUTRAS PERSPECTIVAS

### 2.2.1 A VOZ MÉDIA

Uma das definições mencionadas por Duarte (2005, *apud* Camara Jr.,1977a: s.v.) é que “(...) a voz medial (...) aquela em que à forma ativa adjunge-se um pronome adverbial átono referente à pessoa do sujeito, indicando integração do sujeito na ação que dele parte”. Porém, o autor deixa claro, no decorrer do texto, que o enquadramento das vozes que Camara Jr (1977a: s.v.) sugere acaba se tornando confuso, pois fica muito tênue a divisão entre a voz medial e a voz médio-passiva. O mesmo autor diz ainda cita Chafe (1979) para “afirmar que a voz média se caracteriza por apresentar um verbo de processo, aquele que designa uma mudança de condição ou de estado e exprime uma relação entre um nome paciente e um estado” (DUARTE, 2005, *apud* Chafe, 1979)

Já Santos & Maia (2017) trazem outra proposta de conceito de voz média, a qual definem como “[...] a chamada voz média, (...) que semanticamente é interpretada com caráter genérico, possui sujeito afetado e, sintaticamente, é intransitiva” (SANTOS & MAIA, 2017). Notadamente faz-se uma definição demasiadamente resumida para um conceito que abrange tantas questões.

Finalmente, vê-se uma definição de Câmara Jr. (1972: 182-3), comentada por Camacho (2003), de que há muitas categorias relacionadas à voz média e que, em alguns casos, torna-se complicado definir de fato tal categoria, pois há peculiaridades em que seria necessário até incluir um contexto interpretativo para que a voz verbal fosse definida como tal. Mas é interessante citar o percurso histórico citado por Camacho (2003), que menciona:

“Embora a categoria de voz básica no português não apresente expressão desinencial, a morfologia verbal permite distinguir a diátese ativa da média mediante o uso do clítico se em construções sintáticas alternativas com a expressão de diferentes funções semânticas, mais ou menos similares à diátese das línguas clássicas IE. (...) Nas línguas IE, a noção gramatical que interpreta a integração do sujeito no estado de coisas era assinalada por flexões especiais próprias, numa construção chamada *média* pelos gramáticos gregos (porque distante do pólo da ativa e do pólo da passiva). Em latim, os verbos depoentes provêm em parte dessas flexões mediais, mas já sem a sua noção específica, o que propiciou a passagem desses verbos para a ativa nas línguas românicas, e o desenvolvimento da construção pronominal para representar a noção perdida. Verbos depoentes tinham uma forma especial distinta da ativa; era idêntica à da passiva, mas com outra significação: indicava um valor reflexivo-recíproco ou medial (cf. Câmara Jr 1972)” (CAMACHO *apud* Câmara Jr, 2003, p. 93. Grifos do autor)

Assim, percebe-se a influência do trajeto de variação e mudança que a língua sofreu até dar origem às produções atuais. Nesse sentido, a voz média tem indícios de existência e permanência no PB, mas pode ainda estar passando por um processo de mudança tal que possa levar a uma mudança drástica ou até mesmo ao seu apagamento no sentido de medialidade, fazendo com que se funda completamente, por exemplo, com a noção de reflexividade. No entanto, verificar o estado dessa possível variação não é o objetivo deste trabalho.

A partir da latente necessidade de mais detalhamento no tema, Camacho (2003) faz um apanhado de produções em contextos diversos de uso, a partir da metodologia funcionalista, para avaliar e defender a existência da voz média no português brasileiro. Com isso, o autor elenca definições que auxiliam no entendimento e melhor definição desse tipo de voz verbal.

É interessante que seja observado esse movimento de investigação para que se perceba o empenho para analisar a categoria diante de diversos aspectos metodológicos. Isso porque, neste trabalho, volta-se a análise para um tratamento gerativista, que utiliza conceitos de processamento sintático dos elementos da sentença, a fim de investigar (neste caso especificamente de forma experimental) como a conexão desses elementos pode interferir na interpretação da informação. No entanto, não se exclui a contribuição funcionalista utilizada por Camacho (2003), que investiga as questões voltadas para o uso, a fim de captar minúcias potencialmente importantes para a definição do conceito de voz média. Isso porque é a partir de diferentes formas de uso que a categorização de voz média pode ser melhor determinada no PB, visto que há variações de voz com ou sem o uso do clítico -se que podem ser analisadas de formas similares, por exemplo. Portanto, é importante

que se possa considerar os aspectos do uso, para que seja possível abranger as ocorrências de voz média de maneira mais assertiva e fiel na língua.

Além disso, é relevante a contribuição dessa teoria adotada como embasamento teórico vista a preocupação para que se faça uma boa distinção entre voz média e voz reflexiva, tratada de forma similar ou mesmo ambígua por outros autores aqui já citados.

Vê-se, por exemplo:

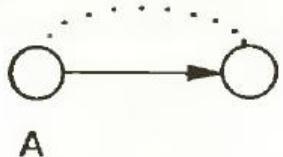
Como marcador medial, o clítico se ainda retém propriedades pronominais de acordo com suas origens no pronome reflexivo: formalmente ainda é parte do paradigma pronominal, correlacionando-se com outros membros da classe, embora o único traço nominal que lhe resta seja o de pessoa; além disso, ele participa regularmente das regras de colocação de clíticos que governam os pronomes em geral. O marcador medial ainda mantém traços morfológicos e sintáticos tipicamente pronominais, mas sua forma de manifestação sintática e semântica não é idêntica à do marcador reflexivo-recíproco; nas construções médias, o clítico não permite, por um lado, comutações com outros termos possíveis do mesmo paradigma e, por outro, não estabelece com o sujeito uma relação semântica de correferência e sintática de coindexação, o que só seria possível se houvesse duas posições estruturais disponíveis para serem preenchidas por SNs referencialmente idênticos. (CAMACHO, 2003, p. 97,98. Grifo do autor)

Dessa forma, o autor já inicia uma separação dos conceitos de medialidade e de reflexividade, visto o fato de que faz uma distinção sintática e semântica no que se refere à aplicação dessas vozes verbais no uso da língua.

Ainda trabalhando com comparações a fim de especificar e delimitar a definição do conceito de voz média, Camacho (2003) traz definições de Kemmer (1994), que delimita categorias semânticas específicas para o enquadramento de verbos como sendo de voz média. Nesse percurso, resgata evidências em outras línguas, como o inglês, a fim de destacar a marcação morfológica e semântica para a existência da voz média, inclusive no que se refere à formação sintática das sentenças.

The diagrams in (36) and (37) are intended to graphically represent the difference between the reflexive type and the body action middle, as informed by the discussion above.

(36) The direct reflexive event schema



(37) The body action middle event schema

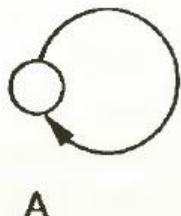


Figura 1 - Diferença entre voz reflexiva e voz média (Kemmer, 1994)

*Figura 1*

Dentro desse percurso teórico, Camacho (2003) embasa a demarcação da voz média como distinta semanticamente da voz reflexiva (e consequentemente da voz passiva sintética, visto que esta possui características muito mais discrepantes no que se refere ao sentido expresso linguisticamente), dentre outros fatores, através da compreensão de que a noção de reflexividade reside no sentido de ação **não** intrinsecamente ligada ao sujeito; ao passo de que a voz média já possui uma carga informational de iniciação e alvo da ação expressa pelo verbo de forma lógica em torno do sujeito, que é naturalmente admitida dentro da expectativa do falante, fazendo com que, em outras línguas, não se faça uso de marcação formal para expressar essa medialidade.

No PB não é incomum encontrar verbos tipicamente médios sem o uso de marcação formal do clítico -se. Já existem, inclusive, trabalhos que tiveram a preocupação de analisar a queda do uso desse clítico em verbos tipicamente pronominais, mostrando um momento de variação, em que os falantes conservam a ideia inicial da voz verbal, sem prejuízos, mesmo com a ausência do traço pronominal (LACERDA, 2014; GODOY, 2012).

É relevante também perceber que já há autores que se atentam profundamente para as nuances que definem as diferenças entre as vozes verbais, mais

especificamente as vozes reflexiva e média. Godoy (2012), chama atenção para o fato da importância que tem a questão semântica no que se refere a essas compreensões:

“Parece, então, haver tipos de verbos que podem e tipos de verbos que não podem ser reflexivizados. Além disso, parece haver diferenças de interpretação nos diferentes tipos de verbos que são reflexivizados (o verbo sentar, por exemplo, parece formar o que vimos ser chamado anteriormente de ‘média’). Essas questões dizem respeito às restrições e aos determinantes da reflexivização no PB (...) Observemos que, se os verbos acima são todos transitivos diretos, as restrições não estão no tipo de subcategorização do verbo, portanto, podemos pensar que se trata de restrições e determinantes de ordem semântica.”

Fica nítido que questões que ultrapassam a construção sintática e a morfológica são basilares para a definição dos conceitos aqui colocados em análise.

Devido aos fatores aqui apresentados, as definições de Camacho (2003) serão tomadas como norteamento teórico para o tratamento do conceito de voz média, visto que apresentam olhares que contemplam questões sintáticas, semânticas, morfológicas, além de observar todas essas constituições baseadas no uso da língua.

### 2.2.2 A VOZ PASSIVA

As definições para voz passiva apresentam um pouco mais de homogeneidade e clareza no que se refere à categorização e compreensão. Para que isso fique claro, será mostrado, adiante, um panorama do que os autores supracitados para as definições de voz média postulam sobre a voz passiva. São facilmente notáveis semelhanças mais evidentes nas formulações desse conceito, diferentemente do que acontece com a voz média, que se faz em teorias de pouca simetria.

O que ainda se pode observar a respeito de disparidades teóricas é que alguns comentários são feitos acerca de ambiguidades ou falta de clareza quanto à especificidade de categorização e/ou separação dos tipos de vozes no PB. Sobre isso, tem-se Duarte (2005), que menciona a confusa categorização que Camara Jr (1977) no que se refere ao conceito tratado como sistema “médio-passivo”. Para isso, este autor trata a tal categoria como transitória entre as de voz passiva e voz média, deixando ambígua a escolha de classificação como subcategoria de uma ou de outra, visto que qualquer uma das duas poderia dispor características para esse sistema.

Aqui fica clara a crítica de Duarte (2005) à categorização de Camara Jr (1977), que tenta diferenciar as vozes verbais passiva e média, acabando por deixar uma

brecha que permite a confusão entre os dois conceitos a ponto de não estabelecer um ponto que seja capaz de efetivamente separá-los.

Já no texto de Godoy (2012), conseguimos ver questões a respeito do processo de construção da voz passiva, chamado pela autora de “passivização”, que permitem a reflexão acerca da composição desse processo. Nesse caso, temos algo minimamente parecido com a noção que a gramática normativa propõe, abordando questões como a transitividade verbal atrelada à condição para a dita passivização, trabalhada pela autora como um processo que ocorre com verbos transitivos, em PB.

Godoy (2012) levanta a questão da incoativização para observar que certos verbos aceitam o processo de transformação para o *status* de incoativos, que demonstram questões de inter-relação entre questões sintáticas e semânticas para a construção de sentidos. (GODOY, 2012)

Por último, vê-se Camacho (2006), que define a voz verbal passiva dizendo:

"como a passiva se aplica a eventos transitivos em que a entidade no papel de iniciador deve ser distinta da entidade no papel de ponto de chegada, ela é automaticamente bloqueada por predicados de ação cujo objeto afetado é parte inalienável da entidade agentiva, conforme se observa em (6-8). (6) a João lavou-se. b ? João foi lavado por si. (7) a João levantou o braço. b ?O braço foi levantado por João./ ?O braço de João foi levantado por ele (8) a João tomou banho. / b ?Banho foi tomado por João" (CAMACHO, 2006)

Apesar de também retomar a questão da transitividade, o autor deixa mais esmiuçada a definição desse tipo de voz verbal. Por isso, tomou-se esse conceito para o embasamento teórico de voz passiva para a construção de frases experimentais, sempre observando que o sujeito deve ser entidade afetada pela ação executada na oração de maneira unicamente paciente, sem a presença de agentividade de qualquer espécie por parte do sujeito oracional.

É importante que fique clara essa distinção, pois o conceito que se tomou para voz média envolve a passividade do sujeito em certa medida, pois a ação verbal acaba recaindo sobre ele, porém parte dele mesmo, o que permite a diferenciação dos dois casos, como pode-se verificar na comparação entre a figura anterior e esta:

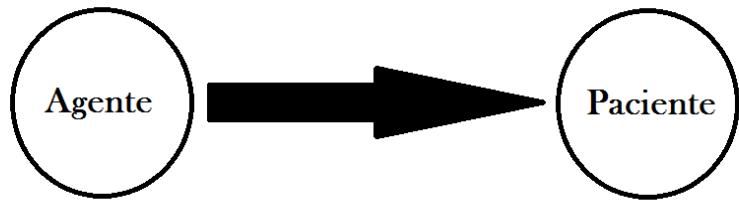


Figura 2 - Ilustração da ação verbal em construções passivas (autoral).

*Figura 2*

### 2.2.3 ESTUDOS EXPERIMENTAIS SOBRE VOZ MÉDIA E/OU VOZ PASSIVA

As pesquisas realizadas acerca do tema da voz média mostram que este é um assunto com ampla gama de fatores a serem analisados. Isso porque já contabiliza vários estudos não somente em português brasileiro, mas também em línguas estrangeiras e de forma bastante produtiva. No entanto, é interessante chamar atenção para o fato de que essas pesquisas são, em sua quase totalidade, explicativas. O trato experimental desse tema é extremamente escasso e vê-se, portanto, a necessidade de imprimir esse tipo de olhar analítico para o tratamento da voz média.

É importante mencionar que trabalhos experimentais que tratam sobre a voz passiva existem e tratam de questões relevantes acerca desse tipo de voz verbal, no entanto o enfoque costuma ser em efeitos de priming (JESUS, 2018; KRAMER, 2017).

Em pesquisa feita em diversas plataformas de divulgação científica<sup>5</sup>, conseguiu-se localizar apenas dois trabalhos experimentais que tratam sobre a temática da voz média, ambos em português brasileiro (SANTOS & MAIA, 2017; MAIA, OLIVEIRA & SANTOS, 2015). O trabalho de Maia, Oliveira & Santos (2015) analisa essa temática, dentre outras, observando seu comportamento no PB e também em karajá e xavante<sup>6</sup>, comparando resultados com estudos em língua inglesa. Esse artigo apresenta uma investigação através de “julgamento imediato de aceitabilidade de estruturas incoativas e transitivas, em pares de alternância

<sup>5</sup> Google Scholar, Scielo, BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações) e ERIC (Institute of Education Sciences)

<sup>6</sup> Ambas línguas indígenas brasileiras.

causativa" (MAIA, OLIVEIRA & SANTOS, 2015), com sujeitos falantes nativos de PB e Karajá (língua indígena brasileira). Os autores analisaram o tempo de leitura de sentenças incoativas, transitivas animadas e transitivas inanimadas. Torna-se interessante observar a fundamentação teórica utilizada para a montagem e aplicação do estudo, pois envolve questões diretamente relacionadas à voz média.

Fundamentados em resultados de estudos de julgamento de aceitabilidade de estruturas equivalentes em inglês, Di Sciullo, De Almeida, Manouilidou & Dwivedi (2007) sugerem que as construções anticausativas ou médias seriam menos aceitas do que as suas contrapartes causativas porque apresentam maior dificuldade de processamento do que estas, independentemente da animacidade do sujeito. (MAIA, OLIVEIRA & SANTOS, 2015)

Já Santos & Maia (2017) avaliam o processamento de verbos atuantes na alternância de valência, representados tanto de forma transitiva quanto intransitiva, através da ótica da Morfologia Distribuída, comparando orações com verbos causativos e incoativos em ambiente sintático intransitivo. A hipótese inicial do trabalho é bastante interessante pois lança mão de um argumento relevante:

A previsão foi a de os verbos causativos seriam mais difíceis de serem processados se representados com sujeito afetado, devido à composicionalidade morfológica exigir um constituinte compatível com traço de agentividade. (SANTOS & MAIA, 2017)

Além disso, a estrutura dos verbos de voz média (considerada pelos autores como estrutura diferente do que é proposto aqui) foi experimentada em conjunto com verbos causativos, o que demonstrou resultados mais lentos quando comparados a verbos incoativos e verbos causativos com sujeitos agentivos. Santos & Maia (2017) explicam que:

Di Sciullo et al. (2007) partiram de duas hipóteses para explicar a flexibilidade da estrutura argumental de alguns verbos: a) o NP argumento interno é alçado para a posição de *Spec* disponível em *IP* que atribuiria caso nominativo ao sintagma movido (KEYSER; ROEPPER, 1984, ROBERTS, 1987), derivando uma estrutura inacusativa; e b) uma mudança na estrutura argumental do verbo seria acarretada pela presença de material funcional que atua licenciando uma estrutura argumental não-canônica (DI SCIULLO, 2005, p. 69-70). Diante disso, Di Sciullo et al. (2007) esperavam que as orações na voz média resultassem em maior dificuldade de processamento, já que passariam por processo derivacional mais complexo do que a forma básica (canônica), isto é, a transitiva-causativa. (SANTOS & MAIA, 2017 *apud* DI SCIULLO, 2005, 2007; KEYSER & ROEPPER, 1984; ROBERTS, 1987)

Dessa forma, os autores mostram o embasamento para a hipótese de diferença de tempo de processamento devido às estruturas morfossintáticas presentes na formação das frases analisadas. Os resultados da análise desse estudo, no entanto, demonstraram que verbos causativos e incoativos não geraram maior tempo de

processamento quando em situações de frases intransitivas e quando o sujeito obedecia às propriedades exigidas pela morfologia do verbo. Isso demonstra que ainda há fatores a serem investigados para que se tente definir que elementos podem interferir no tempo de processamento de estruturas que são constituídas de maneiras diferentes, mas parecem ser processadas de formas semelhantes.

Aqui tratar-se-á o conceito de voz média a partir das definições dadas por Camacho (2003; 2006), pois se mostra um estudo aprofundado, baseado no histórico de uso da língua e com respaldo teórico suficiente para suprir as definições de que se necessita aqui para trabalhar esse conceito dentro da análise proposta.

O autor trata a voz média como uma estrutura verbal com características morfológicas e semânticas específicas. No que se refere à questão morfológica, o autor cita a estrutura verbal baseada em verbo + partícula –se. No entanto, atenta para o fato de que essa mesma estrutura, em algumas variações linguísticas do PB já conseguem produzir essa voz verbal sem a produção fonética da partícula –se sem que haja prejuízo de sentido, tal como em:

- (09) José ajoelhou-se durante a cerimônia.
- (10) José ajoelhou durante a cerimônia.

Em exemplos como esses, o autor demonstra que a compreensão de papel de [INICIADOR] e [EXPERENCIADOR] da mesma ação verbal não é alterado pela queda do pronome clítico. Dessa forma, é estabelecido que a construção de noção de uma sentença de voz média estaria situada na questão de seleção de argumentos que sejam capazes de desempenhar um papel de iniciador da ação e que acabe sendo experenciador desta; portanto, em questões semânticas mais que morfológicas.

### **2.3 ANIMACIDADE**

O conceito animacidade é aqui tratado como a capacidade de desempenhar ações como iniciador/causador de um evento, uma ação verbal. Dessa forma, entende-se que é animado aquilo que tem vida e/ou consegue mover-se de maneira independente e consciente. Isso porque seres, humanos ou não, mesmo quando com deficiências limitantes de movimento, tais como ELA (esclerose lateral amiotrófica) e paralisia cerebral, por exemplo, não têm anulada a sua característica de animacidade, visto que permanece inalterada a capacidade de iniciar eventos de cunho emocional

por exemplo, assim como tantas outras que ultrapassam a obrigatoriedade de movimento.

Souza (2015) trata de uma questão interessante e relevante para a percepção de animacidade, ao postular parecer ser algo inerente à espécie humana e algumas espécies animais, pela estratégia de fingir-se de morto para escapar de situações de perigo. Isso mostra que essas espécies já possuem, de forma inata, a percepção do movimento como algo constitutivo da animacidade.

Além de questões semânticas, é possível também citar questões sintáticas e constitutivas a partir do léxico ao analisar-se trabalhos como o de Lage (2010), que levanta questionamentos sobre a constituição da animacidade em diversas línguas a partir de elementos sintáticos (uso ou não de preposição em nomes com função de objeto do verbo para a atribuição de papel temático de animacidade). A autora conclui que a presença desse tipo de construção revela haver mais elementos constitutivos de animacidade que simplesmente aqueles relacionados à semântica da palavra:

Quanto à animacidade, se encontramos línguas em que as marcas morfológicas relativas à animacidade aparecem na Concordância, tais como o persa e o búlgaro, temos que considerar a hipótese de que animacidade não é simplesmente uma propriedade semântica do NP, mas também um traço formal do tipo *phi*, tal como gênero, número e pessoa, pois ele está contido na relação de concordância. Estes são traços que vêm do léxico, compondo o item lexical. (LAGE, 2010)

Cita-se aqui essa perspectiva a fim de observar a animacidade como algo relevante tanto para questões semânticas como também para a constituição sintática das sentenças. No entanto, as questões sintáticas que envolvem a constituição de um nome como animado ou inanimado no PB não são o foco deste trabalho.

Observado o PB, pode-se compreender como inanimado aquilo que não consegue, de forma independente e consciente, desempenhar uma tarefa, seja ela concreta ou abstrata. Com isso, são considerados inanimados objetos ou elementos não sencientes/ conscientes da natureza, tais como minerais e vegetais, por exemplo. Além disso, pelo fato de o PB não exigir nenhuma forma marcadora de animacidade, é possível construir sentenças experimentais sem alteração de quantidade de palavras para o segmento do sujeito.

Devido a isso, para a montagem das frases experimentais, preferiu-se, para preencher o segmento da variável do tipo sujeito, o aspecto de animacidade com palavras que remetessem a seres humanos, a fim de evitar possíveis interferências no que se refere à compreensão de cada sujeito a respeito da capacidade de animais

irracionais desempenharem determinadas ações. Para a variável do tipo de sujeito com aspecto inanimado preferiu-se utilizar palavras que remetessem, por exemplo, a objetos, sentimentos ou até mesmo partes do corpo, pois são sempre controlados, não controladores de ação alguma.

Justamente por essas questões, esperou-se que os sujeitos inanimados pudessem interferir no momento da interpretação, visto que eles não seriam capazes de se enquadrar bem semanticamente em certas construções montadas para análise, como:

(9) “Depois da folia,/retirou-se/**a sujeira**/com rapidez”.

Imagina-se que, pelo fato de o sujeito ser inanimado e o iniciador da ação não estar explicitamente presente na frase, o tempo de leitura seria afetado de forma significativa, diferente de construções como

(10) “Depois da folia,/retirou-se/**o turista**/com rapidez”

em que o sujeito é capaz de desempenhar a ação de retirar-se sem que seja necessária a presença de outro iniciador para a ação expressa pelo verbo. Esperou-se que este tipo de construção fosse mais facilmente interpretável que aquele.

## 2.4 PAPÉIS TEMÁTICOS

É importante ainda tratar dos conceitos referentes ao papel temático para uma compreensão mais embasada acerca dos conceitos aqui tratados como voz média, voz passiva, sujeito animado ou inanimado.

Pode-se classificar algum verbo como de voz média ou de voz passiva pelos traços constitutivos de seu papel temático na construção frasal. Para isso, utilizam-se critérios semânticos para a seleção desses traços do verbo e dos argumentos exigidos por ele para que seja construída a sentença dentro da intenção comunicativa desejada. Assim, é possível observar que a escolha lexical feita a partir de um verbo para seus argumentos não é aleatória, tampouco engessada, mas flexível de acordo com a necessidade do falante da língua. (SOUZA, 2015)

Observando as características dos verbos aqui tratados, é possível perceber que a seleção dos argumentos se faz para sujeitos com questões bem específicas em cada situação de comunicação, mesmo quando são utilizadas formas semelhantes, como:

(11) Os súditos **curvaram-se** durante a passagem da família real.

(12) **Curvaram-se** os cílios da modelo para que ficasse com mais volume.

Nos exemplos acima, o verbo, apesar de formalmente idêntico, possui cargas informacionais e *s-seleção* (seleção semântica) diferente para cada caso.

No primeiro caso, o verbo, por se referir a um ato de *mudança de postura*, seleciona um argumento na função de sujeito capaz de praticar tal ação, portanto, dotado de corpo e movimento próprios, ou seja, um sujeito animado.

Já no segundo caso, pelo fato de o verbo se referir a um ato *dar nova forma* a algo, é esperado que esse sujeito seja algo moldável, portanto manipulável materialmente e, consequentemente, inanimado. Com isso, pode-se afirmar que verbos que denotam ações dependentes de um [AGENTE], ou, ainda melhor dizendo, um [INICIADOR] muito provavelmente selecionam mais facilmente argumento externo com traços [+animado] e [-inanimado] e o contrário quando em casos como em (12).

Dessa forma, uma possível descrição a ser traçada para papéis temáticos de verbos de voz média e verbos de voz passiva é sugerida no quadro seguinte:

#### Traços atribuídos aos verbos:

[+ voz média]	[± voz média]	[± voz passiva]	[+ voz passiva]
<b>Traços atribuídos ao argumento externo (característica para a classificação verbal):</b>			
<b>[+ iniciador; + experenciador; ± agente]</b>			
[+ iniciador; ± experenciador]	[± iniciador; ± experenciador]	[- iniciador; ± experenciador]	[+ paciente]

	<b>Verbos de voz média</b>	<b>Verbos de voz passiva</b>
<b>Papel atribuído ao argumento externo</b>	[+iniciador] [+experenciador] [-paciente] [+agente]	[-iniciador] [-agente] [+paciente]
<b>Animacidade do argumento externo selecionado pelo verbo</b>	[+animado]	[+inanimado]

#### Traços atribuídos ao argumento externo pelo verbo para cada tipo de voz (característica para classificação por animacidade):

[+ animado]	[± animado]	[± inanimado]	[± inanimado]
↗			
[+ iniciador; + experenciador; ± agente]	[± iniciador; ± experenciador]	[- iniciador; ± experenciador]	[+ paciente]

Tabela 1

Tabela 1: Hipótese de esquema de papéis temáticos para verbos de voz média ou passiva

### 3 METODOLOGIA

A análise aqui proposta deu-se através de dois experimentos psicolinguísticos. Ambas as configurações envolviam dados colhidos de maneira *on-line* e *off-line* com as seguintes configurações: análise quantitativa, aplicada através do método de leitura automonitorada (*self-paced reading*), a fim de medir o tempo de leitura nas condições experimentais propostas (sujeito animado X sujeito inanimado; verbo de voz média X verbo de voz passiva). Foi necessário haver mais de um experimento, pois o primeiro tinha uma configuração de pergunta-sonda, que não se mostrou produtiva para a coleta de dados no que se refere ao objetivo de estudo, por não apontar com evidências robustas a preferência de interpretação dos verbos analisados. Portanto, optou-se pela construção de um segundo experimento que continha perguntas de interpretação, que foram capazes de demonstrar dados relevantes acerca do tempo de leitura e da taxa de acertos para a interpretação das frases.

Esse estudo objetivou observar as diferenças nos tempos de leitura em frases construídas com verbos de voz média ou de voz passiva. Isso se deu a fim de analisar as questões que pudessem gerar as diferenças de interpretação, de acordo com o que está proposto teoricamente para a construção experimental aqui seguida. Isso porque vários outros trabalhos propõem a problematização da voz média ou destrincham o assunto da voz passiva, mas pouquíssimos tratam a respeito da semelhança formal ou outras questões entre as duas. Muito menos são os que analisam pelo menos uma dessas vozes de acordo com uma perspectiva experimental. Portanto, propôs-se aqui fazê-lo, visando a contribuir para o melhor conhecimento e desenvolvimento científico dessa temática.

As condições experimentais foram agrupadas em duas listas de frases, em um experimento com *design* fatorial 2x2, resultando em exemplos como as frases a seguir, que combinam as variáveis independentes “tipo de voz verbal” (média) / (passiva) e “tipo de sujeito” (animado) / (inanimado):

#### **01 - Voz média + sujeito animado**

*Para o desafio, abaixou-se o menino com rapidez.*

#### **02 - Voz média + sujeito inanimado**

*Para o desafio, abaixou-se a bandeira com rapidez.*

#### **03 - Voz passiva + sujeito animado**

*Após a exibição, avaliou-se o rapaz com aprovação.*

#### 04 - Voz passiva + sujeito inanimado

Após a exibição, avaliou-se o quadro com aprovação.

Os verbos aplicados nas frases têm uso do clítico -se tanto para as de voz média quanto as de voz passiva. O segmento crítico avaliado é o do verbo em cada categoria proposta, pois ele é apresentado antes do sujeito<sup>7</sup> e isso possibilita que seja observado o processamento do segmento pós-crítico (sujeitos animados ou inanimados). Isso para que se possa analisar tanto o tempo de processamento dos verbos quanto o dos sujeitos, a fim de verificar uma possível influência da animacidade do sujeito na interpretação do tipo de voz verbal. Foram controlados o tamanho e a frequência das palavras dos segmentos crítico e pós-crítico, para que esses fatores não interferissem de maneira indesejada nos tempos de leitura.

As frases foram distribuídas em apenas duas listas ao invés de quatro, pois os verbos utilizados são obrigatoriamente diferentes, visto que a teoria utilizada para embasamento afirma que os verbos de voz média são sintática e semanticamente díspares dos verbos de voz passiva. Com isso, o experimento foi finalizado com 16 frases experimentais distribuídas igualmente para as condições propostas (04 frases para cada condição experimental) e 32 frases distratoras, totalizando 48 frases em cada lista de aplicação.

Antes da montagem definitiva do experimento, foi feito um teste<sup>8</sup> com as frases experimentais de voz média, para verificar se realmente possuíam preferência pela interpretação tomada aqui como média. A partir dos resultados obtidos, optou-se pela preferência aos verbos que se enquadram nas categorias de “mudança na postura corporal ou movimento não-translacional” e “média de emoção”<sup>9</sup> para construir as frases com verbos da categoria analisada, pois esses mostraram menor ou nenhuma semelhança/ambiguidade com a interpretação de voz reflexiva ou passiva. Algumas frases aplicadas no teste também sofreram pequenas alterações, para que ficassem mais adequadas semanticamente e mais acessíveis para o momento de interpretação das situações expressas. Essas mudanças foram baseadas nas respostas dadas

---

<sup>7</sup> Foi escolhida essa formatação, pois percebeu-se que o sujeito anteposto ao verbo poderia causar interferências indesejadas de interpretação, como “Já no hospital,/observou-se/a pele/com atenção” (tal como aplicada experimentalmente) e “Já no hospital,/a pele/observou-se/com atenção”.

<sup>8</sup> Teste realizado através da plataforma do Google Forms, com a participação voluntária de 35 sujeitos, de forma *on-line*. Dados de resposta são apresentados nos gráficos aqui reproduzidos, obtidos pela mesma plataforma.

<sup>9</sup> Definições apresentadas por Camacho (2003) acerca do trabalho de Kemmer (1994).

pelos sujeitos participantes do teste, observando o que se mostrou ambíguo, de acordo com cada situação de interpretação ou sugestão. Também pela análise refinada da composição do experimento no momento de finalização das frases, observando uma melhor adequação para padronização da estrutura e da semântica dos estímulos.

Pode-se citar aqui a mudança que houve nas frases com o verbo “acalmou-se”, em que foi trocado o substantivo “torcida” por “torcedor”, visto que este se adequa melhor ao padrão das outras frases, com um sujeito singular e referente a apenas um indivíduo praticante da ação. Outra alteração executada foi a exclusão dos estímulos com o verbo “alegrou-se” devido ao fato de ter demonstrado proximidade nos resultados com a interpretação passiva, o que foi interpretado como ambiguidade na formação dos estímulos, que poderia vir a comprometer os dados do experimento. Os resultados e observações dos participantes do teste seguem nas imagens a seguir:

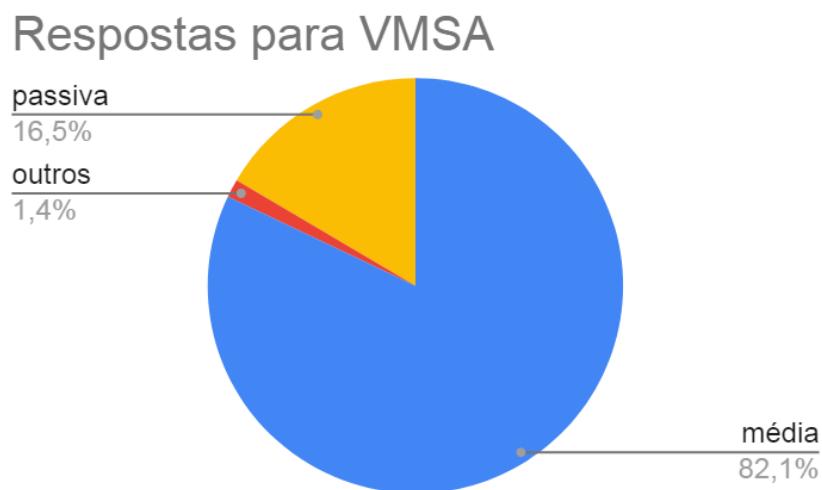


Gráfico 1 - Teste de frases - VMSA (Voz média com sujeito animado). Interpretação provável: sujeito ativo, indicando voz média.

*Gráfico 1*

## Respostas para VMSI

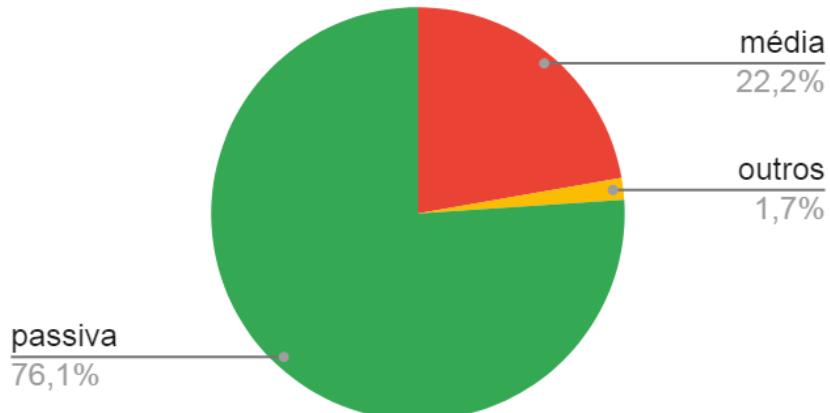


Gráfico 2: Teste de frases - VMSI = Voz média com sujeito inanimado. Interpretação provável: sujeito paciente, indicando voz passiva.

Gráfico 2

Os resultados apontaram para o esperado, mostrando uma preferência de interpretação passiva maior quando o sujeito é inanimado e média para sujeito animado, pela noção de que um sujeito inanimado não teria capacidade para iniciar uma ação por si mesmo. Houve, no entanto, composições de frases que causaram ambiguidade ou agramaticalidade para alguns participantes, como “Alguém/algó irritou a pele” e “A pele se irritou” (agramaticalidade). Devido a isso, optou-se por excluir as frases do teste que apresentaram esse tipo de questão da construção dos experimentos, a fim de evitar interferências no tempo de processamento por fatores que não são investigados neste trabalho.

Para a composição das frases aplicadas no teste, foi feita uma pesquisa de frequência para os verbos e para os sujeitos utilizados através do site <http://www.lexicodoportugues.com/> (Anexo 4). Com isso, fez-se a montagem dos estímulos considerando palavras que não fossem interferir no tempo de processamento dos sujeitos pelo fator do estranhamento. Além disso, foi controlado o tamanho das palavras e dos segmentos dos estímulos, para que não houvesse falsa impressão de diferença para os tempos de leitura devido a isso, quando na aplicação dos experimentos.

As variáveis independentes do experimento foram: tipo de voz verbal (média) / (passiva); tipo de sujeito (animado) / (inanimado). Já as variáveis dependentes foram, para o primeiro experimento, tempo de leitura e respostas afirmativas ou negativas para as perguntas-sonda.

No primeiro experimento, foi monitorado o tempo de leitura dos segmentos crítico e pós-crítico de forma *on-line*, enquanto *off-line* havia uma pergunta sonda, com finalidade única de manutenção de atenção. Por isso, era relevante apenas o número de acertos, para que se verificasse a confiabilidade dos dados no que se refere ao empenho do participante para responder corretamente, indicando atenção e cuidado para a realização do experimento.

No entanto, percebeu-se que isso não mostrava dados suficientes para o objetivo de investigação proposto neste trabalho, visto que não deixava clara a preferência de interpretação dos participantes (mais ou menos média ou passiva) no momento de processamento *off-line*. Portanto, fez-se necessário remodelar o experimento, acrescentando opções de interpretações possíveis, que indicassem que o sujeito interpretou aquela frase de uma forma ou de outra de maneira mais palpável e confiável. Para isso, aplicou-se novo experimento com novo formato de verificação *off-line*.

Para o segundo experimento, as variáveis dependentes foram **tempo de leitura dos segmentos e tempo de leitura e acertos/erros para a pergunta**. Para isso, cada participante escolheu o que mais se adequava à frase apresentada, como:

**Frase experimental:** Após o jogo,/acalmou-se/o ânimo/com rapidez.

**Opções de resposta:** “O ânimo acalmou-se” ou “O ânimo foi acalmado por algo ou alguém”

Nesse caso, estabeleceu-se como resposta correta a interpretação passiva para as frases médias com sujeito inanimado (condição MI), visto que o sujeito não seria capaz de iniciar a ação (Souza, 2015). Portanto, esperou-se que os participantes interpretassem as frases com verbos de voz média e sujeito inanimado com ideia de passividade, indicando que o tipo de sujeito interfere na interpretação do verbo, mesmo que ele se encaixe em uma categoria tipicamente média.

### 3.1 DESCRIÇÃO DOS EXPERIMENTOS

Foram necessários dois experimentos para as mesmas frases experimentais devido à baixa obtenção de dados que a primeira coleta proporcionou. Por isso, analisaram-se as questões que poderiam melhorar o desempenho do experimento e montou-se nova estratégia de investigação descrita, desde o início, a seguir.

Os experimentos foram aplicados de forma remota, devido à pandemia causada pelo vírus Covid-19. Dessa forma, os participantes utilizaram o telefone celular ou o computador para realizar o experimento, através de uma rede de *internet*, pela plataforma de aplicação do cognition.run<sup>10</sup>, que gerou tabelas com informações de tempo de leitura, além das respostas dos participantes para as perguntas de ambos os experimentos<sup>11</sup>.

Nos dois experimentos, ao iniciar, o participante via uma tela para preenchimento dos dados, a fim de manter controle acerca das características dos sujeitos.

Bem vind@ ao Experimento de Leitura Auto-Monitorada! Preencha os dados abaixo.

Nome: ANA STELA BENTO MARINI

Idade: 27

Grau de escolaridade: pós-graduação incompleta.

PRÓXIMO

Figura 3 - Tela de preenchimento de dados do participante

Figura 3

Após isso, era apresentada outra tela com instruções sobre as teclas e como cumprir o experimento, seguida de um treino para que o participante pudesse se habituar ao ritmo dos estímulos. Foram apresentadas três frases segmentadas e suas respectivas perguntas como forma de treino antes do experimento propriamente dito.

No caso de uso de computador, o participante utilizava o mouse para controle do experimento. Quando era usado o celular, o participante tocava na tela de seu *smartphone* no local correspondente ao botão de prosseguimento do teste de acordo com seu ritmo e interpretação de leitura textual.

---

<sup>10</sup> <https://www.cognition.run/> - Plataforma de montagem e execução de experimentos on-line, disponível parcialmente de forma gratuita, que coleta e disponibiliza dados da aplicação do experimento. Permite que o usuário participe do experimento acessando um link, através de computador ou celular, desde que o aparelho tenha acesso à *internet*. Os dados são disponibilizados em tabela no formato .CSV, para Excel.

<sup>11</sup> Experimento aprovado pelo Comitê de Ética - CAAE: 39626820.3.0000.5188. Parecer: 4.473.091.

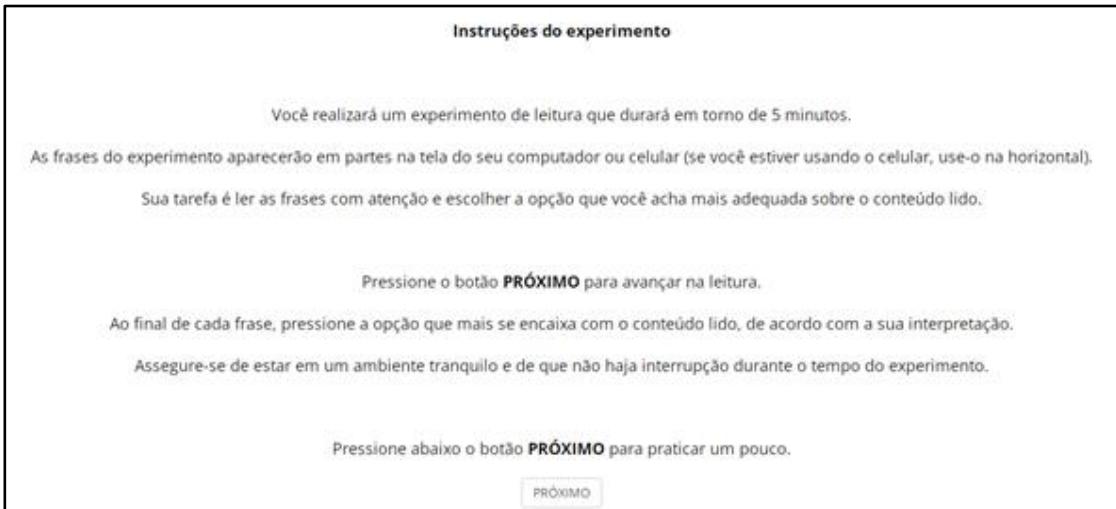


Figura 4: Tela de instruções

*Figura 4*

Os sintagmas de cada frase surgiam na tela de forma segmentada (adjunto adverbial / verbo + partícula -se / sujeito / adjunto adverbial), com ritmo de leitura e exposição determinados pelo participante. Assim, foi possível medir o tempo de leitura no segmento crítico e no pós-crítico estabelecidos no verbo e no sujeito respectivamente (segmentos 02 e 03).

A ordem estipulada para montagem e apresentação das frases experimentais se deu através dos dados obtidos pelo teste e análises preliminares, que apontaram ser mais adequado implementar um sujeito posposto ao verbo + partícula -se, a fim de que não houvesse construções muito propensas à ambiguidades ou agramaticalidades. Isso porque, dada essa situação, os tempos de leitura seriam muito afetados e comprometeriam os resultados obtidos.



Figura 5: Exemplo de exibição do segmento 01 – adjunto adverbial

*Figura 5*



Figura 6: Exemplo de exibição do segmento 02 – verbo + partícula –se

*Figura 6*



Figura 7: Exemplo de exibição do segmento 03 – sujeito

*Figura 7*



Figura 8: Exemplo de exibição do segmento 04 – adjunto adverbial

*Figura 8*

Para o primeiro experimento, ao final de cada frase, o participante respondeu a uma pergunta-sonda clicando em SIM ou NÃO, de acordo com as informações que leu nas frases, para que se mantivesse a atenção durante o experimento.

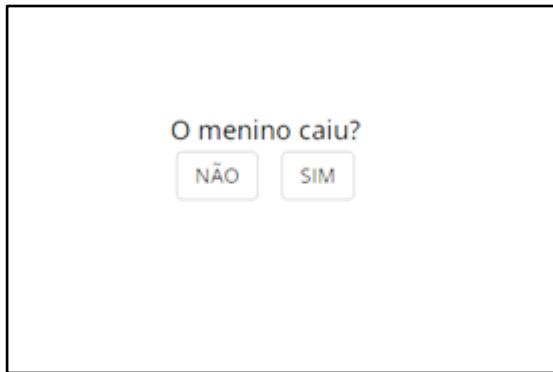


Figura 9: Exemplo de exibição da pergunta-sonda

*Figura 9*

Para o segundo, o participante escolheu a opção que mais se encaixava para a sua interpretação de acordo com o que fora lido na frase experimental. Assim indicava uma interpretação de acordo com a composição verbal da frase, para as quais havia opções de verbo + partícula –se (indicador de +média / -passiva) ou verbo auxiliar + verbo principal (indicador de +passiva / -média), tal como descrito na no tópico sobre a Metodologia. Como exemplo, pode-se citar seguinte situação encontrada dentre as frases experimentais:

**Frase segmentada:** Ainda na guerra,/capturou-se/a bandeira/com facilidade.

**Tela apresentada ao final:**



Figura 10: Exemplo de exibição da pergunta de interpretação

*Figura 10*

Em ambos os experimentos, foram utilizadas as mesmas frases experimentais, aplicadas a sujeitos diferentes em cada situação. A mudança ocorrida aplica-se apenas às perguntas elaboradas, as quais, no primeiro experimento, foram apenas do tipo sonda. As listas com essas perguntas ficam anexadas a este trabalho, visto que, como não influenciavam diretamente para avaliação de interpretação, não se tornam tão relevantes para análise no corpo do texto.

É importante deixar claro também que o tamanho e a frequência das palavras utilizadas nos segmentos foram controlados, a fim de que isso não exercesse influência sobre os dados.

Todos os estímulos utilizados para o segundo experimento, as opções de resposta, as respostas corretas esperadas e as condições experimentais de cada uma delas constam nos anexos deste trabalho.

A partir do tempo de leitura gasto em cada segmento, analisou-se o tempo de reação necessário para os sujeitos em cada condição e variáveis independentes. Como já citado anteriormente, acreditou-se que as frases com verbos na voz passiva teriam uso de menos tempo em detrimento dos de voz média, visto que estes aparentemente demandam mais carga informacional a ser processada no momento da leitura, tal como as discussões feitas aqui anteriormente sugerem. (SANTOS & MAIA, 2017)

Outro ponto verificado foi a possível influência da animacidade dos sujeitos de cada frase, visto que essa questão não é amplamente abordada pela teoria trabalhada para embasamento (Camacho, 2003) como algo que possivelmente mudaria a interpretação do tipo de voz verbal. A intenção, portanto, foi verificar se os verbos categorizados formalmente como de voz média, em conjunto com os sujeitos inanimados, teriam um resultado significativo para o tempo de leitura, que sugira uma interpretação passiva da voz verbal, mesmo que o verbo obedequa a todas as características formais de enquadramento na voz média.

Por esse motivo, na montagem das opções de resposta para o segundo experimento, considerou-se como resposta correta para a condição MI aquela que sugeria que algo ou alguém teria desempenhado a ação verbal pelo sujeito expresso na frase, encaminhando os dados para a interpretação passiva na relação entre verbo e sujeito.

Os participantes do primeiro experimento foram: 53 pessoas com idade entre 18-50 anos, com nível de escolaridade de ensino superior completo ou incompleto, falantes nativos de PB e sem nenhum tipo de afasia, para que não houvesse influência no tempo de leitura devido à qualquer possível questão de deficiência no processamento linguístico.

O grau de escolaridade escolhido se dá pelo fato de que indivíduos inseridos no contexto universitário tendem a ter mais maturidade no que se refere ao processo de leitura, interpretação e normatividade de sua língua (PACHECO & SANTOS, 2017).

Para o segundo experimento, mantiveram-se as mesmas características dos participantes. Houve mudança apenas na quantidade, que diminuiu para 33, devido ao curto período de tempo estabelecido pelo prazo obrigatório para a conclusão do trabalho, mas ainda suficientemente satisfatório dentro do esperado para aplicação experimental, tal como pretendido desde o início, na descrição metodológica.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para análise estatística dos dados, foi feita uma investigação através do sistema ANOVA, que resultou nos dados mostrados e descritos a seguir.

### 4.1 EXPERIMENTO 1 –

Para a média de tempo de leitura do segmento crítico (verbo + partícula -se) e do pós-crítico (sujeito) não foram encontrados resultados significativos, tanto para verbos de voz média quanto para de voz passiva, bem como para sujeitos animados ou inanimados. Não houve também valor estatístico significativo para a interação entre as variáveis (no segmento crítico:  $P\text{-valor}= 0,82$  para tipo de voz;  $P\text{-valor}= 0,66$  para animacidade;  $P\text{-valor}= 0,51$  para interação voz:animacidade. No segmento pós-crítico:  $P\text{-valor}= 0,96$  para tipo de voz;  $P\text{-valor}= 0,57$  para animacidade;  $P\text{-valor}= 0,91$  para interação voz:animacidade). Igualmente, não houve resultado relevante para a comparação entre as condições experimentais.

As médias de tempo de leitura para o segmento crítico, o pós-crítico e o tempo de resposta para a pergunta-sonda seguem descritos abaixo, nos gráficos.

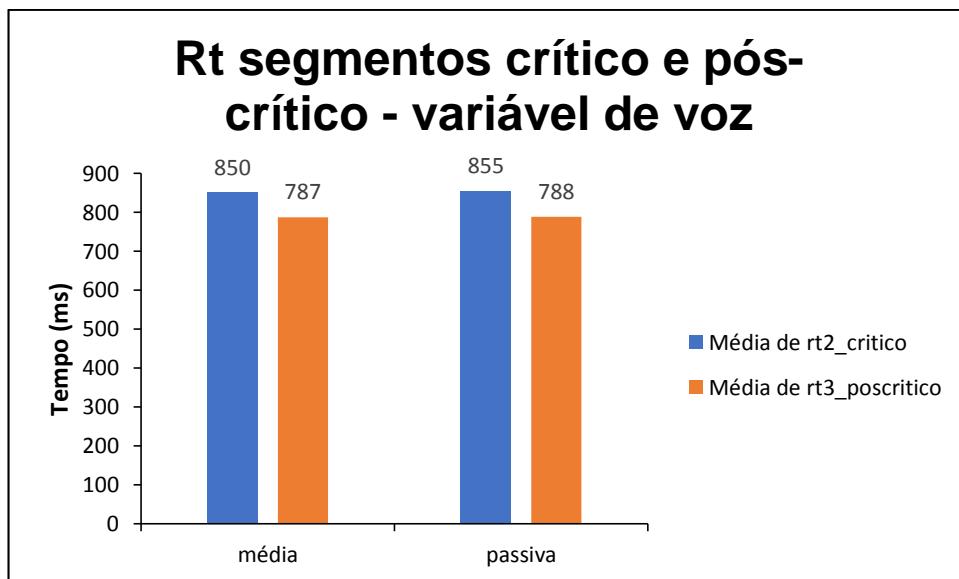


Gráfico 3: Médias de tempo de reação dos segmentos crítico e pós-crítico para a variável de voz

Gráfico 3

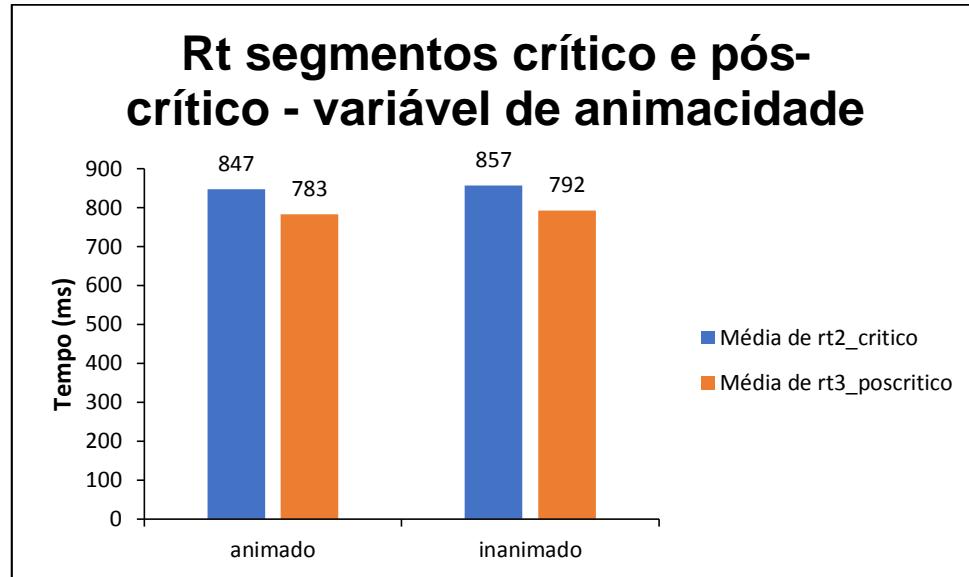


Gráfico 4: Médias de tempo de reação dos segmentos crítico e pós-crítico para a variável de animacidade

*Gráfico 4*

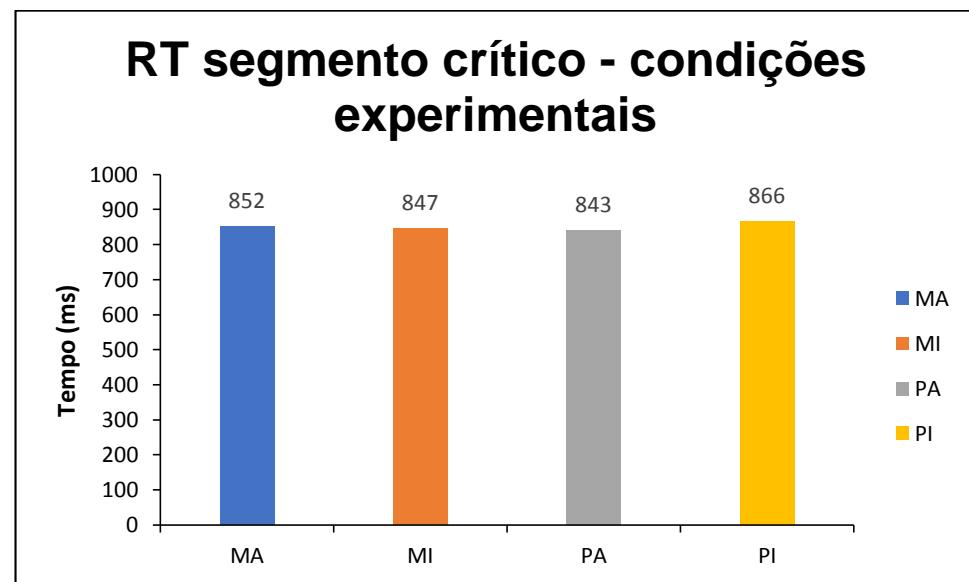


Gráfico 5: Médias de tempo de reação para o segmento crítico nas quatro condições

*Gráfico 5*

Houve resultado significativo apenas para o tempo de resposta à pergunta-sonda quando considerado o tipo de voz ( $P\text{-valor}=0,03$ ), em que as frases construídas com a voz passiva apresentaram tempo de resposta mais rápido que perguntas sobre as frases com voz média. Para animacidade não houve resultado significativo ( $P\text{-valor}=0,38$ ), tampouco para a interação voz: animacidade ( $P\text{-valor}=0,61$ ).

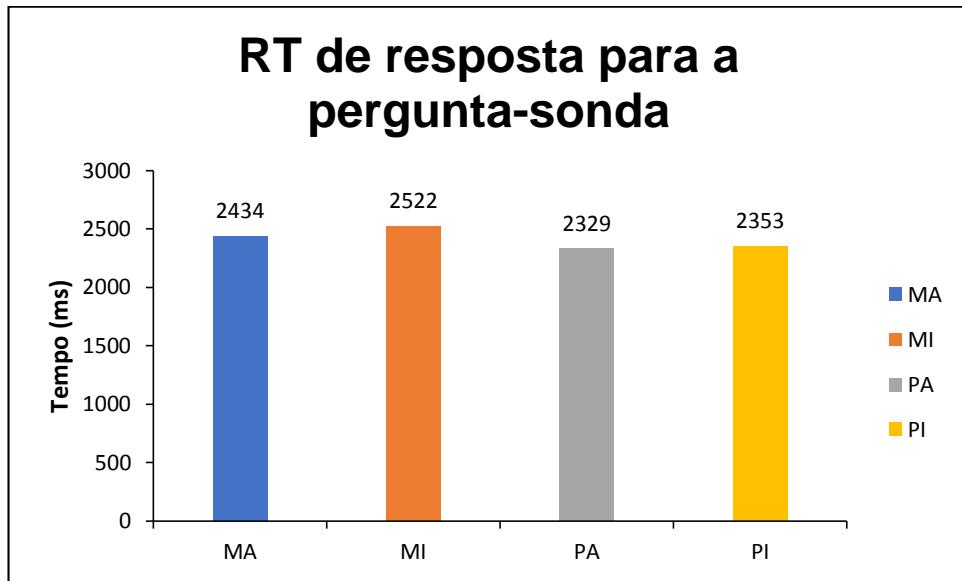


Gráfico 6: Médias de tempo de resposta para a pergunta-sonda nas quatro condições

Gráfico 6

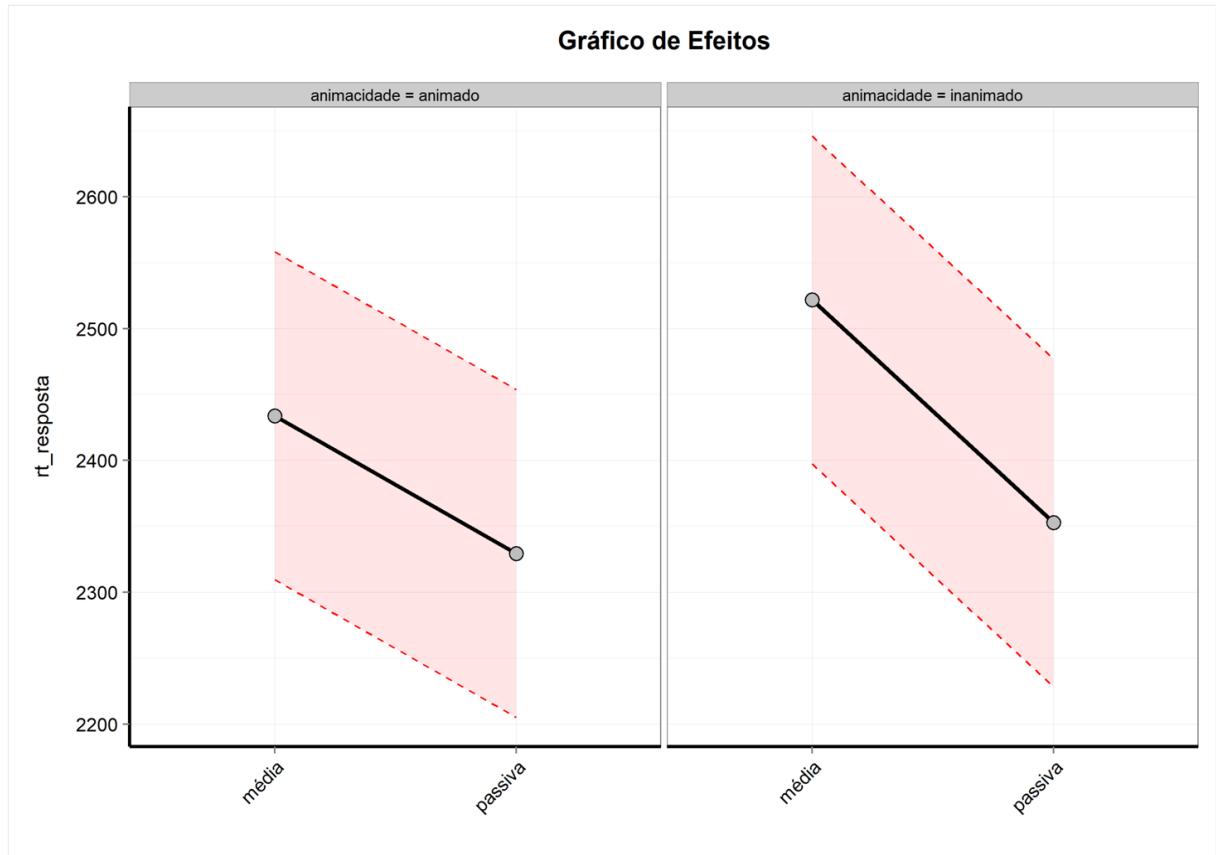


Gráfico 7: Análise do rt de resposta à pergunta-sonda

Gráfico 7

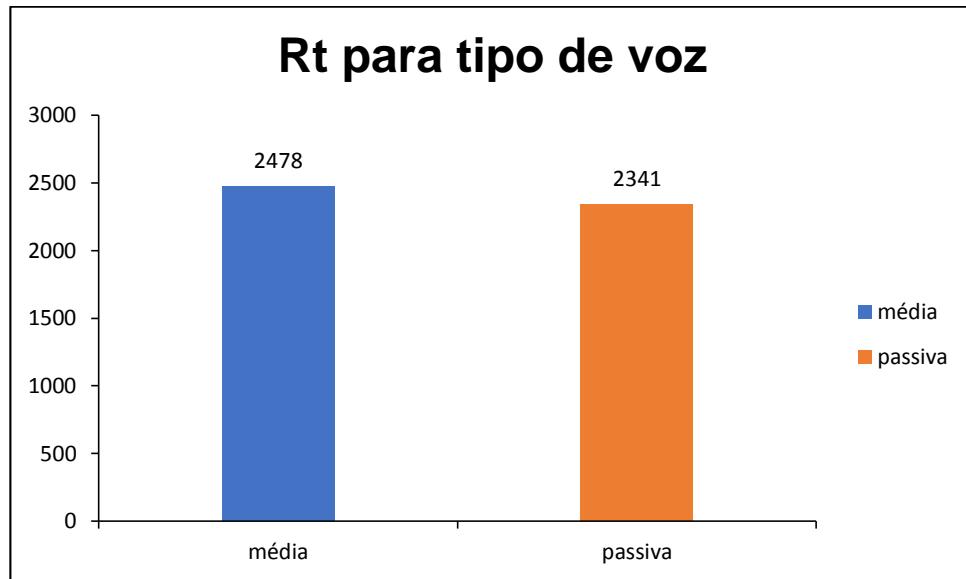


Gráfico 8: Médias de tempo de reação da resposta à pergunta-sonda para tipo de voz

*Gráfico 8*

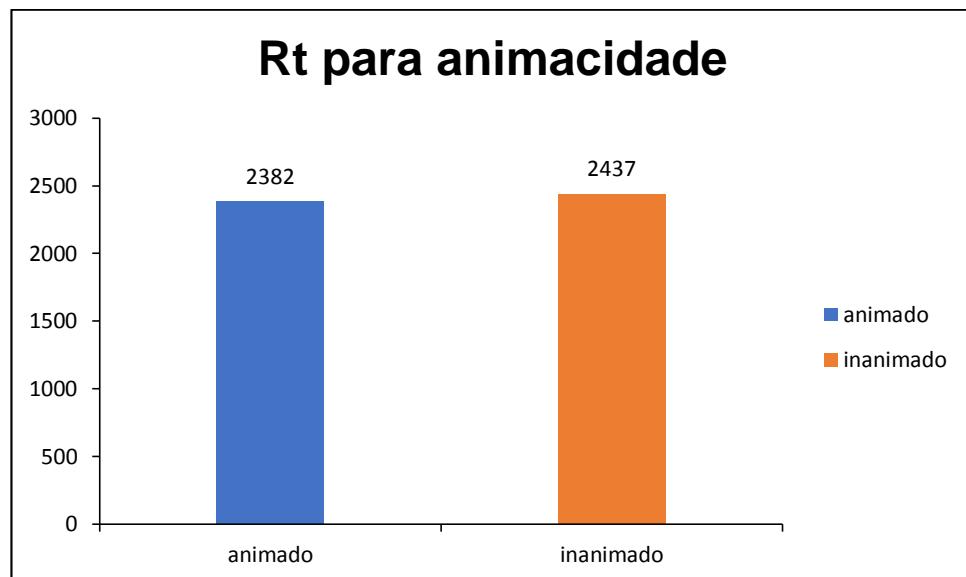


Gráfico 9: Médias de tempo de reação da resposta à pergunta-sonda para animacidade

*Gráfico 9*

Não foi encontrado efeito significativo para a comparação entre as condições experimentais ( $P\text{-valor}=0,12$ ). Abaixo, pode-se ver as médias dos tempos de reação muito similares, que mostraram não haver, nessa configuração experimental, diferença relevante de tempo de leitura independentemente da condição colocada.

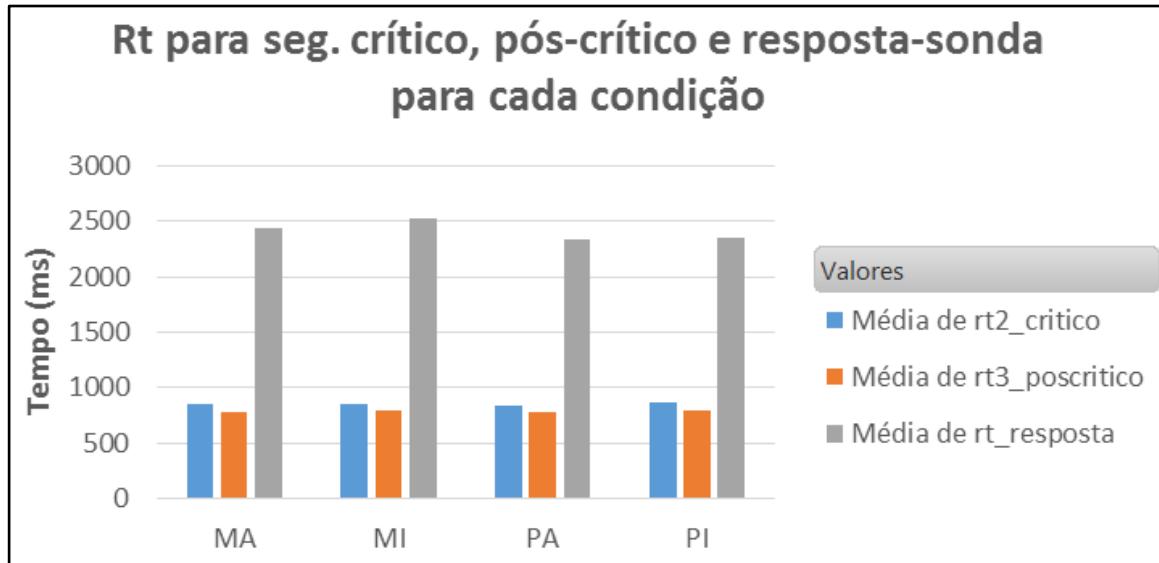


Gráfico 10: Médias de tempo de leitura para cada uma das quatro condições e pergunta-sonda

*Gráfico 10*

Observou-se ainda – através das médias de tempo – que duas condições experimentais tiveram maior número de erros que as outras nas perguntas-sonda. Apesar disso, pela média muito mais expressiva de acertos, nota-se que o experimento foi bem realizado pelos participantes.

Além disso, é relevante observar que as condições MI e PA demonstraram maior tendência para erro que as demais. Isso mostra um caminho para analisar, em uma nova aplicação: se essa tendência permanece e se é significativa em relação às questões de voz e animacidade como interferências no caminho da interpretação.

Da mesma forma, demonstra que pode haver algo que mereça mais atenção para o momento de interpretação, caracterizado aqui pelo momento para a resposta à pergunta experimental, instante *off-line* do processamento linguístico.

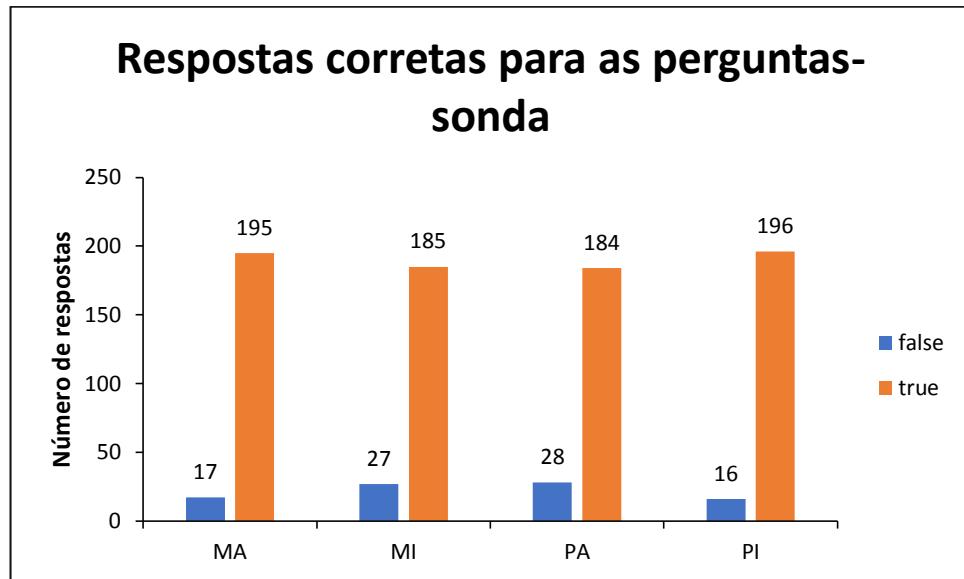


Gráfico 11: Médias de acertos para respostas à pergunta-sonda

Gráfico 11

A questão acerca da ausência de resultado significativo para o tempo de leitura dos segmentos pode ser explicada pela possibilidade de o leitor não fazer distinção através da estrutura verbal ou frasal – devido à semelhança formal – mas apenas no momento de interpretação, quando precisa lançar mão de questões mais complexas que a morfologia das palavras para chegar a uma resposta. Isso aponta para uma compreensão de que a diferença basilar entre as vozes média e passiva possa residir na leitura *off-line*, ou seja, no âmbito da semântica que envolve o verbo e o contexto apresentado na frase como um todo.

Os resultados apontam tempos menores de resposta para frases construídas com verbos de voz passiva, o que se encaminha para a confirmação parcial da hipótese inicial de que as frases desse tipo seriam mais rapidamente processadas. Diz-se parcial, pois a questão da animacidade dos sujeitos não afetou o processamento dos participantes, o que se distancia do esperado inicialmente. Imagina-se que esse fenômeno se dá pela possibilidade de que a maior complexidade semântica resida nos verbos empregados, de tal forma que o sujeito a que se relaciona tome um papel secundário na interpretação da ação verbal.

Ainda podem ser colocados aqui outros fatores que podem ter interferido de alguma forma nos resultados, como a montagem do experimento, por exemplo. Pode-se pressupor que, se a formatação das perguntas fosse feita de maneira que levasse o participante a refletir sobre as frases de maneira mais passiva ou mais média, não

apenas como sonda para o teste, poderia haver uma diferença significativa nos resultados.

Com isso, construiu-se a oportunidade para uma reformulação do experimento a fim de averiguar se há realmente a influência da construção da pergunta para o momento de interpretação quando se consideram os fatores aqui observados.

Observa-se, dessa forma, que o processamento *off-line* é o que possivelmente coordena a diferenciação das vozes média e passiva. Isso pode ser colocado visto que a estrutura morfológica é basicamente a mesma: um verbo + partícula -se; o que se mostra díspar é o sentido que cada verbo terá nas frases de acordo com a maneira com que são construídas.

#### **4.2 EXPERIMENTO 2 –**

Para essa análise, também foi utilizado o teste Anova, através de análise de variância. Com a reformulação – detalhada anteriormente no tópico sobre a descrição do experimento – feita para a pergunta de interpretação, houve melhores resultados na apuração estatística dos dados. É importante deixar claro que houve necessidade de descartar cerca de 10% dos dados discrepantes, devido a alguns *outliers*, para que não houvesse interferência inadequada na análise.

Em primeiro plano, houve efeito significativo para o tempo de reação no segmento crítico (verbo + partícula –se) quando observada a variável de tipo de voz ( $P$ -valor= 0,0067). Nessa comparação, a voz passiva, ao contrário do colocado como hipótese inicial, mostrou-se mais lenta para leitura, como pode-se ver a seguir:

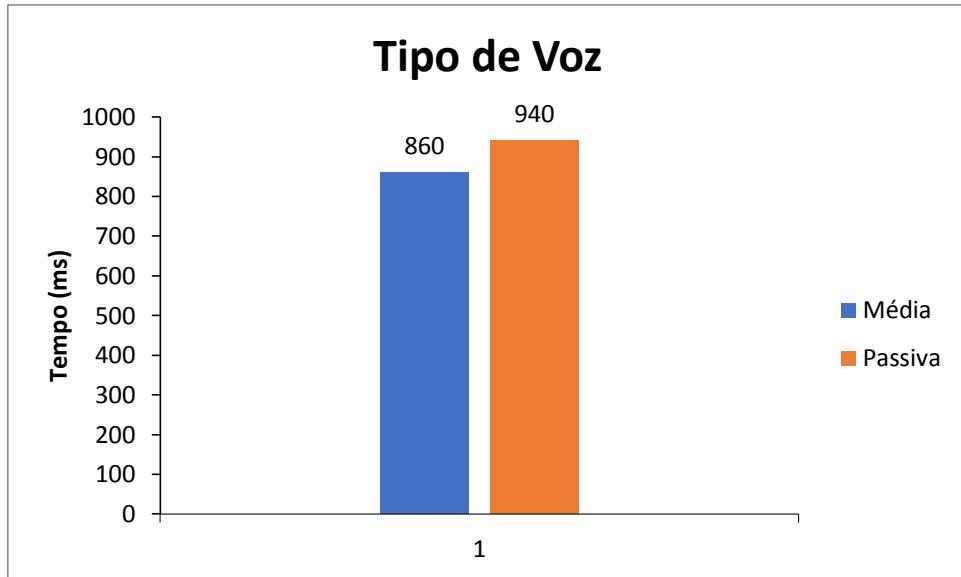


Gráfico 12: Médias de tempo de leitura para a variável de voz

Gráfico 12

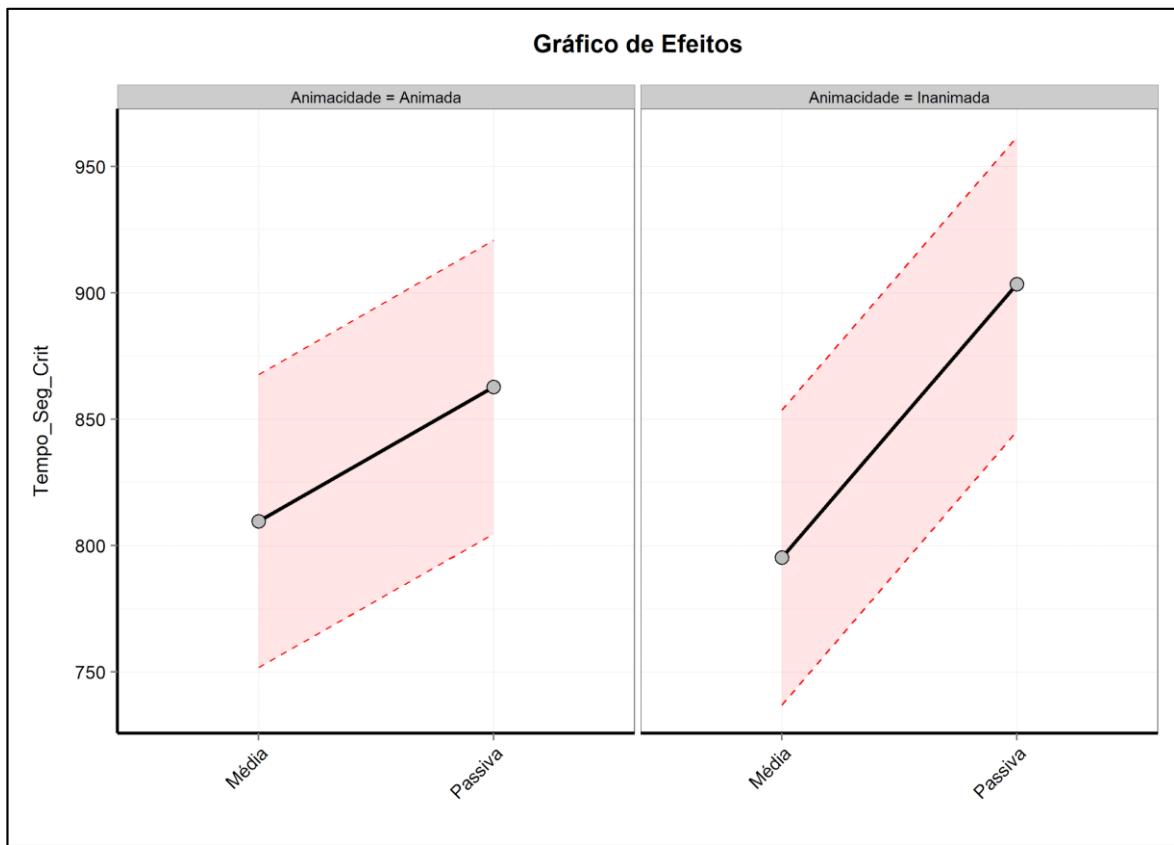


Gráfico 13: Análise estatística por fatores do segmento crítico

Gráfico 13

O mesmo resultado significativo, no entanto, não foi encontrado para a variável de animacidade, tampouco na interação voz:animacidade nesse mesmo segmento ( $P$ -valor para animacidade= 0,65.  $P$ -valor para interação voz:animacidade= 0,35). Com isso, nota-se que a questão da animacidade do sujeito, independentemente do tipo de

voz a qual é relacionada, nas variáveis aqui aplicadas, não causa interferência alguma para a interpretação.

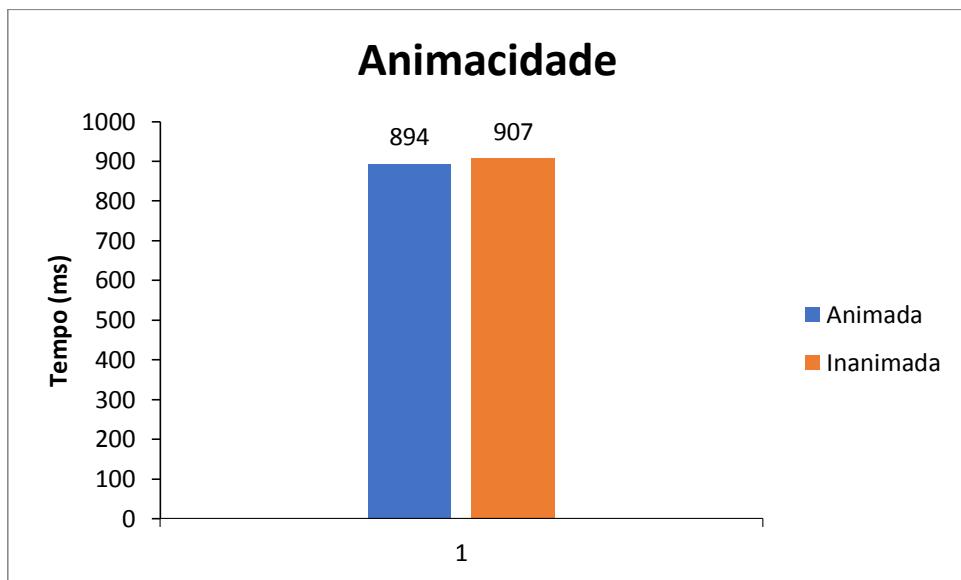


Gráfico 14: Médias de tempo de leitura para a variável de animacidade

Gráfico 14

Na comparação entre as condições (MA, MI, PA, PI) para o segmento crítico, houve resultado significativo ( $P\text{-valor}=0,038$ ), que demonstra haver relevância para tempos de reação quando estão relacionadas. É interessante observar também que a voz passiva, como já observado, é mais lenta, mas mais ainda quando relacionada ao sujeito inanimado.

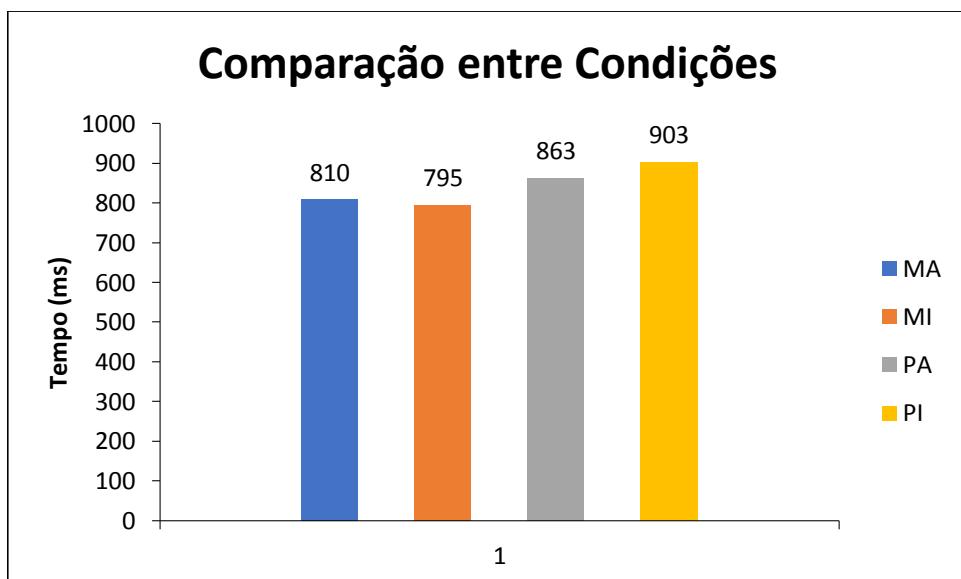


Gráfico 15: Médias de tempo de leitura para cada condição experimental

Gráfico 15

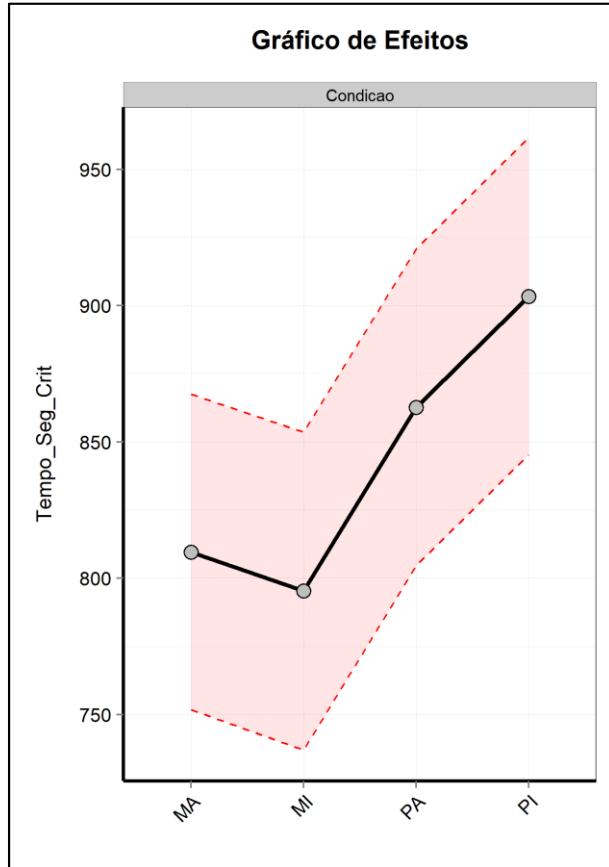


Gráfico 16: Análise estatística das condições experimentais

Gráfico 16

Ao verificar-se o resultado significativo para a relação entre condições, fez-se necessária a aplicação de um teste Tukey, para averiguar qual relação entre elas apresentou o resultado mostrado estatisticamente. Realizado o teste, obteve-se  $P\text{-valor}=0,038$  e foi apresentado o resultado de que a relação PI-MI teve mais relevância para a análise estatística ( $P\text{-valor}=0,049$ ), em que MI foi a mais rapidamente lida, enquanto PI foi a mais lenta entre todas as condições, como observado anteriormente ( $P\text{-valor}$  em cada relação: MI-MA= 0,98; PA-MA: 0,58; PI-MA: 0,11; PA-MI: 0,37; PI-PA: 0,76).

Não foram encontrados resultados relevantes para o tempo de leitura no segmento pós-crítico (sujeito) vistas as condições experimentais, o que corrobora os dados anteriores, mostrando que a questão da animacidade não produz efeito significativo para a leitura.

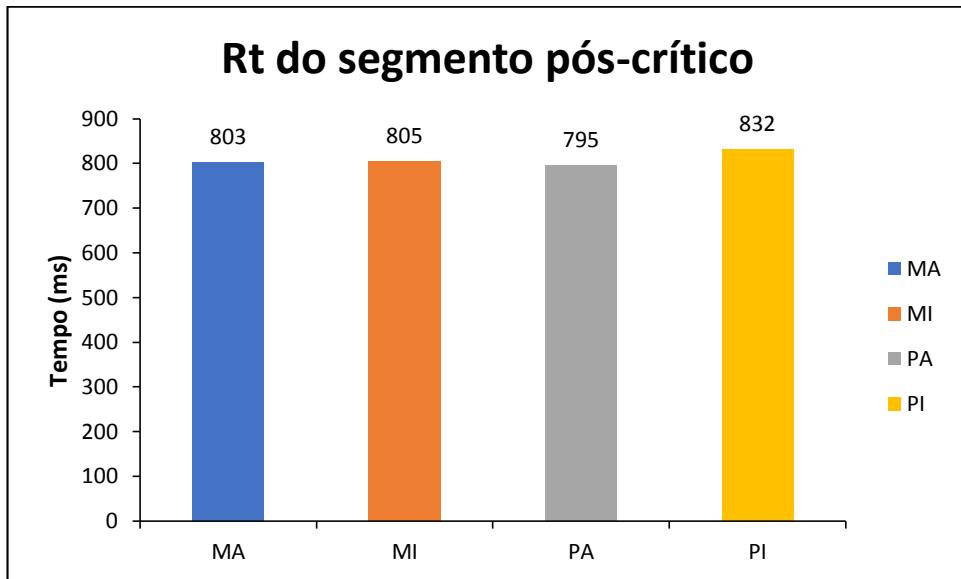


Gráfico 17: Médias de tempo de reação para o segmento pós-crítico

Gráfico 17

Já para o tempo de resposta à pergunta, houve resultado significativo tanto para a variável de voz ( $P\text{-valor}= 0,003$ ) quanto para a de animacidade ( $P\text{-valor}= 0,025$ ). Não houve, no entanto, para a interação voz:animacidade ( $P\text{-valor}= 0,22$ ).

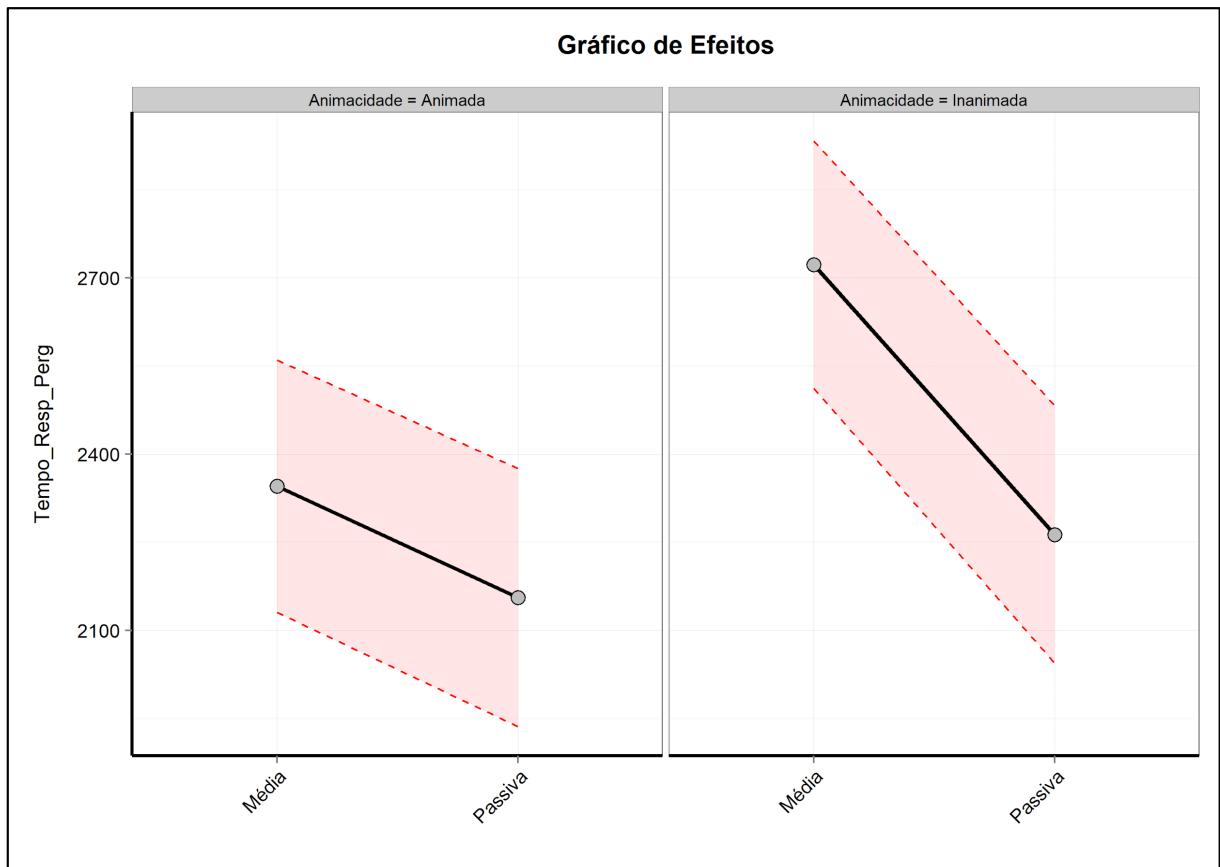


Gráfico 18: Análise estatística do tempo de resposta para a pergunta

Gráfico 18

Observou-se que a resposta para a pergunta foi mais rápida, em relação à variável de voz, quando há caso de voz passiva. Já no que se refere à animacidade, o tempo de reação mais rápido ocorre em casos de sujeito animado, como verifica-se, detalhadamente, nos gráficos a seguir.

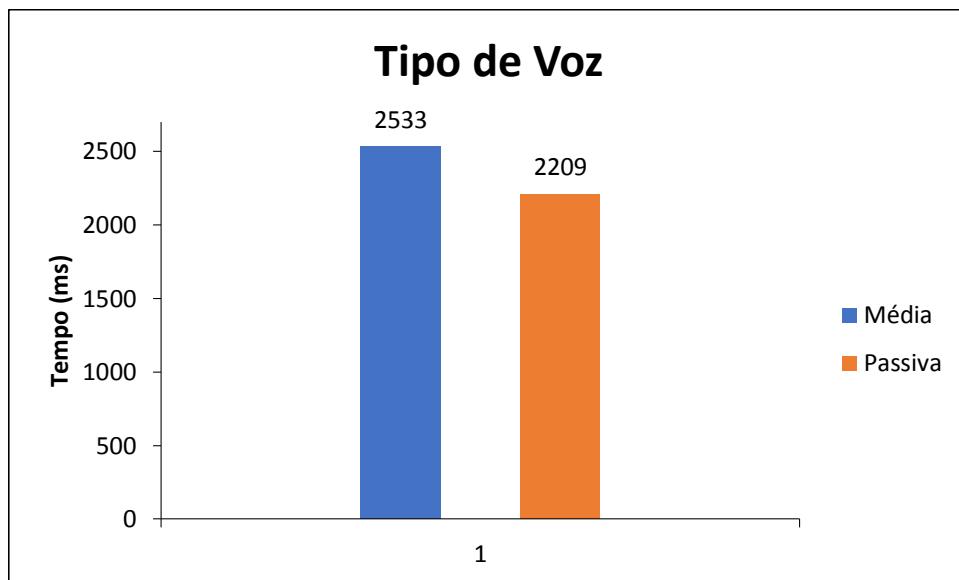


Gráfico 19: Tempo de resposta para pergunta – variável de voz

Gráfico 19

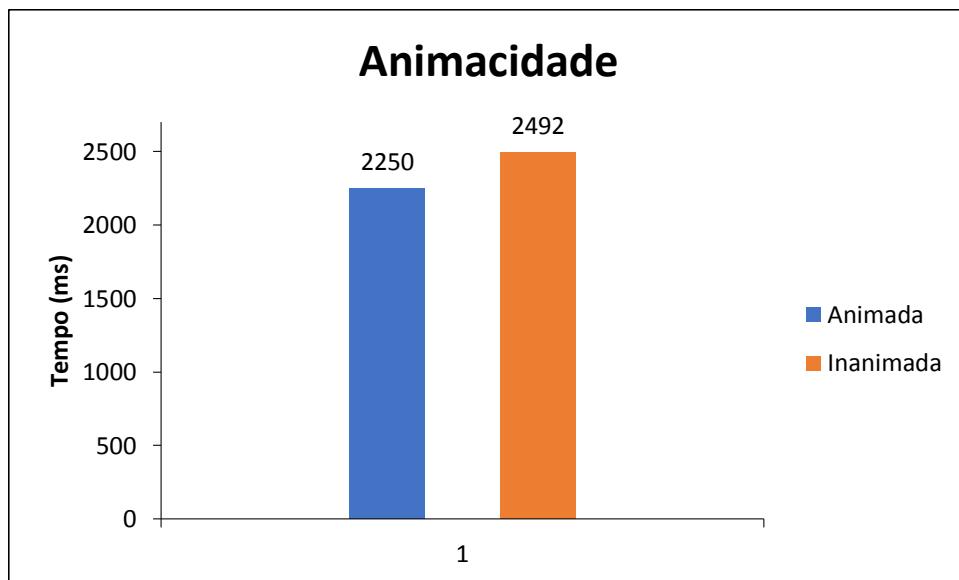


Gráfico 20: Tempo de resposta para pergunta – variável de animacidade

Gráfico 20

Pelo dado relevante para o tempo de resposta quando observadas as variáveis experimentais, aplicou-se novamente o teste Tukey para verificar quais relações

apresentavam valores relevantes estatisticamente. Com isso, obteve-se resultado  $P$ -valor= 0,0016 para essa análise, que apontou as relações entre as condições PA-MI e PI-MI como as mais significativas no que se refere ao tempo de resposta, com  $P$ -valor= 0,0016 e 0,016 respectivamente. (MI-MA:  $P$ -valor= 0,067. PA-MA:  $P$ -valor= 0,61. PI-MA:  $P$ -valor= 0,95. PI-PA:  $P$ -valor= 0,90)

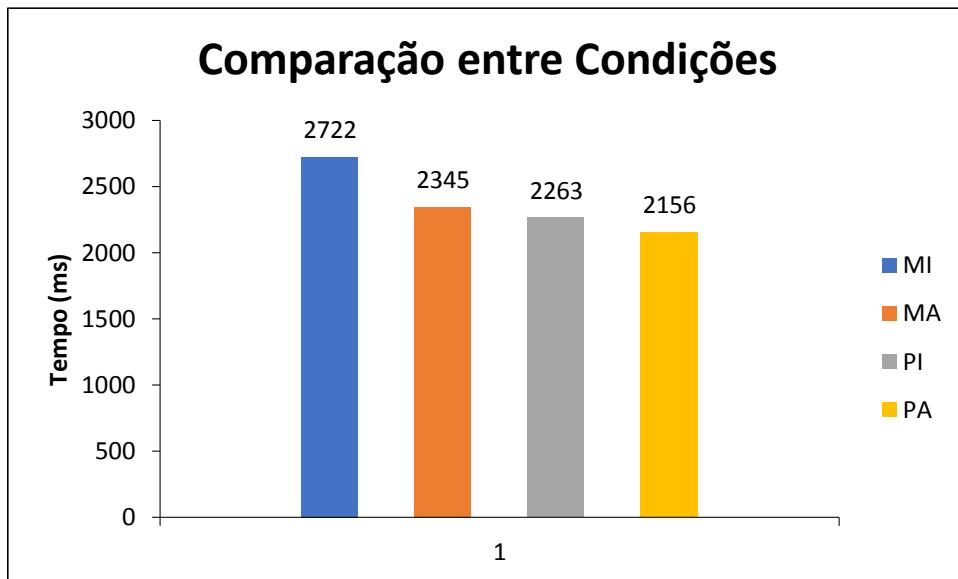


Gráfico 21: Média de tempo de resposta para cada condição experimental

Gráfico 21

Em ambas as relações destacadas com valores relevantes estatisticamente, a voz passiva, independentemente do traço de animacidade, obteve menor tempo de resposta, enquanto a condição MI mostrou-se a mais lenta em relação a todas as outras. Já a condição MA mostrou-se numericamente próxima para o tempo de resposta quando comparada às condições PA e PI, consequentemente sem resultados significativos para essas análises.

Por fim, devido ao resultado significativo para os tempos de resposta, analisou-se as relações entre condições e variáveis independentes na avaliação dos índices de acertos e erros das respostas às perguntas. Para isso, aplicou-se um modelo de regressão binomial, a fim de analisar de forma pareada as relações entre condições e as variáveis do experimento e verificar se alguma condição estava induzindo a mais respostas corretas. As quantidades relativas a essas análises podem ser verificadas abaixo.

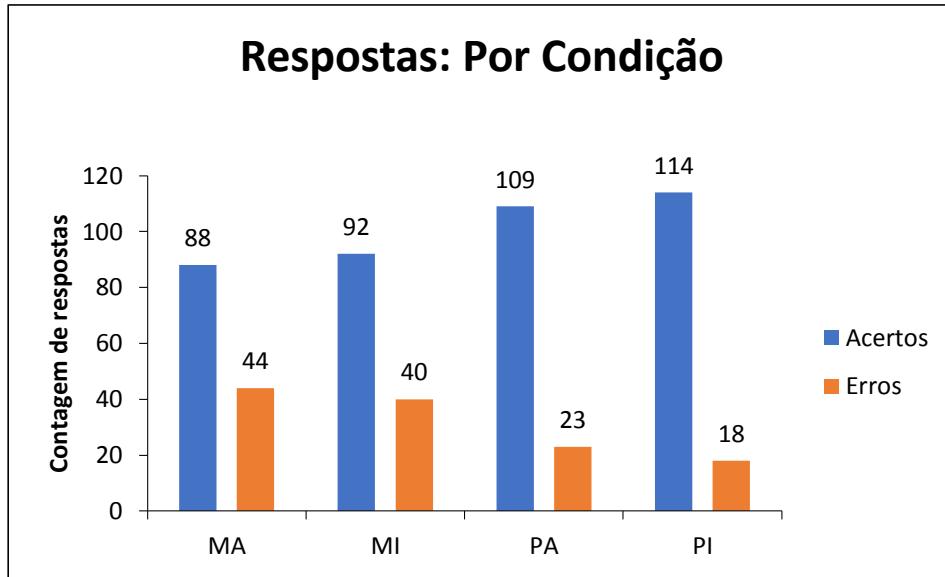


Gráfico 22: Contagem de acertos e erros para a pergunta por condição experimental

Gráfico 22

Para a análise de regressão binomial, a condição MA foi estabelecida como *baseline* nas análises espontaneamente pelo sistema estatístico. Dessa forma, obteve-se resultado significativo para as relações entre MA-PA ( $P\text{-valor}= 0,0034$  e estimativa de acerto de resposta à pergunta 0,86 maior para a condição PA) e MA-PI ( $P\text{-valor}= 0,0002$  e estimativa de 1,15 a mais de acertos para PI). Para a relação MA-MI não houve resultado significativo.  $P\text{-valor}= 0,59$ .

Além disso, foi analisada também a *Odds Ratio* (razão de chances) para verificar quais condições apresentavam maior chance de acerto nas relações. Os resultados foram: MI com 1,15 a mais de chance de acerto que MA; PA vs MA = 2,36; PI vs MA = 3,16. Com isso, nota-se que a condição PI obteve expressivo maior número de acertos quando comparada à condição MA.

O teste da razão de verossimilhança entre condições apontou  $P\text{-valor}$  significativo de 0,00012, mostrando que as condições utilizadas apresentam uma análise válida para o estudo.

A mesma averiguação acerca das respostas às perguntas foi feita também considerando as variáveis independentes do experimento. Observe-se agora os resultados obtidos para o tipo de voz.

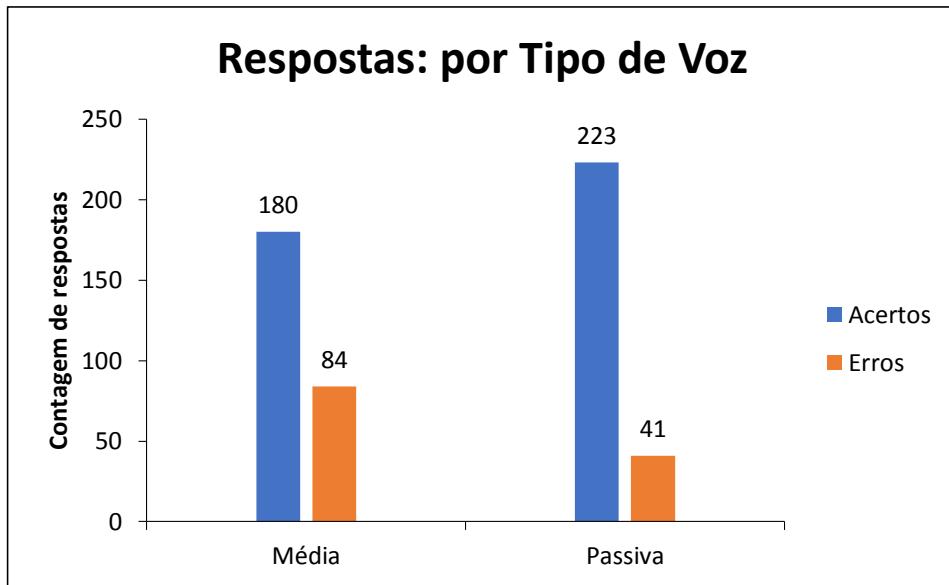


Gráfico 23: Contagem de acertos e erros para a pergunta por variável de voz

Gráfico 23

Da mesma forma, foi aplicado o modelo de regressão binomial, a fim de verificar qual tipo de voz poderia induzir mais respostas corretas. O teste apresentou resultado significativo com  $P\text{-valor} = 0$ , para o qual a voz passiva se mostrou como a voz que induz a mais acertos. Esta voz apresentou estimativa de acerto de resposta 0,93 maior que a voz média e *Odds Ratio* de 2,53 a mais para a voz passiva em relação à voz média.

O teste da razão de verossimilhança entre condições apontou  $P\text{-valor}$  significativo, de 0,000009, também mostrando que a comparação entre as vozes apresenta uma análise bastante válida para o estudo.

Foi analisada ainda a variável de animacidade através dos mesmos parâmetros que estas duas anteriores.

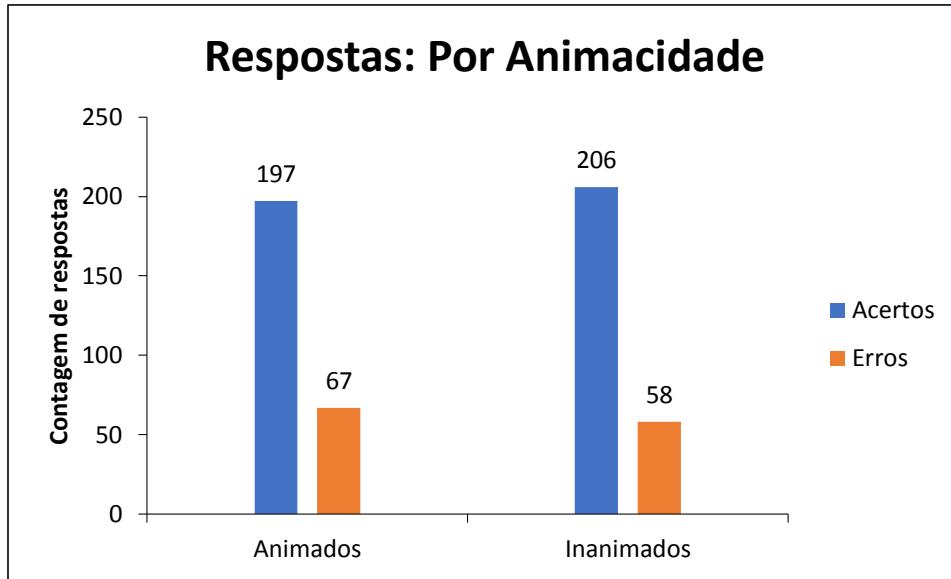


Gráfico 24: Contagem de acertos e erros para a pergunta por variável de animacidade

Gráfico 24

O teste de regressão binomial por animacidade não obteve resultado significativo para a comparação entre sujeitos animados e inanimados ( $P\text{-valor}=0,35$ ). No entanto, a *Odds Ratio* para o sujeito inanimado foi de 1,20 a mais quando relacionada a sujeitos animados.

O teste da razão de verossimilhança para a variável de animacidade não apresentou resultado relevante ( $P\text{-valor}=0,35$ ), mostrando que o traço de animacidade não se mostra significativo quando se trata de resposta à pergunta.

Por último, foi feito um *qui-quadrado* de independência, para avaliar se houve inter-relação entre tipo de voz e animacidade para indução de mais respostas corretas. Esse teste não retornou resultado relevante para a interação de variáveis ( $P\text{-valor}=1$ ) e mostrou que a voz opera de forma independente da animacidade para esse encaminhamento a respostas corretas.

Observados os resultados reportados, podem-se depreender as seguintes conclusões:

### **Sobre o segmento crítico –**

Visto que, nesse segmento, houve resultado significativo apenas para o tipo de voz, conclui-se que as vozes média e passiva possuem diferenças constitutivas que fazem com que o sujeito as leia de modos diferentes, refletidos nos tempos de leitura. Portanto, fica posto que, assim como previsto, essas vozes, apesar de muito

semelhantes em forma, possuem conteúdos de processamento diferentes. No entanto, ao contrário do que se pensava, a voz passiva pareceu ser a mais complexa para o momento de processamento, por apresentar maior tempo de leitura para esse segmento. (Portanto, é possível pensar que o tempo de leitura maior se dá pela carga informational do verbo de voz passiva, visto que este comumente possui a associação a dois argumentos oracionais: sujeito paciente e um agente da passiva, mesmo que este seja oculto na construção da voz passiva sintética, aqui analisada. Dessa forma,

conforme Kenedy (2012), “a voz ativa é interpretada como a estrutura profunda sobre a qual são aplicadas as regras transformacionais que geram a voz passiva, a estrutura superficial” (p. 132). (JESUS, 2018 *apud* Kennedy, 2012)

Portanto, mostra-se necessário haver uma investigação mais aprofundada sobre como ocorre o processamento desse tipo de voz verbal na mente do falante no momento de leitura, analisando as conexões prováveis no processamento das sentenças tipicamente passivas sintéticas.

Viu-se que a variável de animacidade não produz efeito relevante para o tempo de leitura, ou seja, sujeitos inanimados ou animados não são influentes acerca de seus traços temáticos para o processamento de leitura dos segmentos. O que é bastante interessante, pois sujeitos inanimados em construções médias parecem ser menos aceitáveis. No entanto, assim como colocado neste trabalho como suposição nas conclusões para o primeiro experimento, pode-se entender que o participante não faça diferenciação entre as estruturas na leitura *on-line* pelo fato de serem estruturalmente iguais. Assim, ao ler, o sujeito não estabelece julgamentos diferentes para a leitura, mas muito provavelmente o faz no momento de interpretação da sentença.

Outra questão importante foi o fato de haver valores relevantes para o tempo de reação entre condições experimentais, em que os verbos de voz passiva, em conjunto com sujeitos inanimados obtiveram o maior tempo de leitura que todas as outras condições, enquanto verbos de voz média, também em conjunto com sujeitos inanimados apresentaram o menor tempo de reação de todas as condições. Essa é uma questão bastante interessante, pois, ao contrário da hipótese inicial deste trabalho, verbos de voz passiva se mostraram, de forma relevante, os mais lentos. Aconteceu mais fortemente quando estavam ligados a sujeitos inanimados, mas também sofrem fenômeno semelhante quando ligados aos sujeitos animados.

Com isso, pode-se imaginar que os verbos de voz passiva provavelmente possuam mais traços a serem associados no momento de processamento da leitura do que é geralmente postulado, assim como foi discutido aqui anteriormente.

### **Sobre o segmento pós-crítico –**

Não houve resultado significativo para o tempo de leitura do segmento pós-crítico, portanto há a confirmação de que a variável de animacidade do sujeito, de fato, não influenciou o tempo de leitura dos participantes.

Esse dado é importante para observar-se que a animacidade não se mostra, de forma independente, uma variável capaz de influenciar o tempo de leitura de uma sentença. No entanto, em conjunto com a voz média ou com a voz passiva, é capaz de revelar interações que levem a muito mais ou menos tempo de leitura, como foi observado para as condições PI e MI respectivamente.

Assim, é possível afirmar que a variável de animacidade interfere, mesmo que de forma sutil, no processamento de sentenças quando consideradas vozes verbais diferentes, confirmando o que foi suposto aqui inicialmente.

### **Sobre o tempo de resposta à pergunta –**

O tempo de resposta à pergunta se mostrou o momento mais relevante estatisticamente para a análise dos dados. Assim como suposto no planejamento de reformulação do experimento, o processamento *off-line* se mostrou bastante relevante para a observação acerca das vozes verbais e da animacidade dos sujeitos analisados.

Houve resultado significativo para o tempo de resposta à pergunta tanto para a variável de voz verbal quanto para animacidade, mostrando que ambas são relevantes para a interpretação das sentenças. Na interação voz:animacidade não houve diferença significativa de tempo de resposta, no entanto nas condições experimentais houve. Quando se trata da condição MI, os tempos de resposta sempre são maiores,

já as condições construídas com verbos de voz passiva (PA e PI) obtiveram tempo de resposta menor, sendo PI a mais rápida.

É interessante esse dado observado o fato de que a voz passiva, quando no segmento crítico, obteve os tempos mais altos, enquanto para a resposta mostra-se a variável mais rápida. Pode-se imaginar, a partir disso, que o falante, ao passar por todo o processamento da sentença – mais demorado, porém aparentemente mais bem estruturado – já possua a informação necessária à interpretação muito bem colocada, fazendo com que consiga estabelecer um caminho interpretativo desde o momento da leitura *on-line*, facilitando a escolha final para a resposta.

Já quando há o caso de verbos de voz média, o caminho provavelmente seria o inverso: o falante lê mais rápido, porém, ao processar a interpretação da sentença, precisa buscar mais informações, ligações para chegar à sua decisão final acerca do conteúdo da frase.

É relevante também destacar que é muito provável que as frases construídas com a condição MI obtenham maior tempo para a resposta visto que os verbos de voz média, por sua natureza, subentendem um sujeito capaz de iniciar a ação. Portanto, não é surpresa que, ao ver um sujeito inanimado, incapaz de desempenhar o papel de iniciador da ação, o participante leve mais tempo para decidir sobre como interpretar a sentença de forma a conseguir extrair um conteúdo gramatical.

Supõe-se que, muito provavelmente, o leitor precise refazer o caminho de leitura para encaixar a sentença em uma nova interpretação, agora passiva, visto que o sujeito poderia apenas sofrer e não desempenhar uma ação/tarefa.

Quando considerada a animacidade, o tempo de resposta é mais rápido para sujeitos animados, o que era esperado, visto que a característica da animacidade é mais natural aos humanos quando se trata de reconhecimento de ações. (SOUZA, 2015)

Por isso, confirma-se o já esperado: que sujeitos animados proporcionem mais facilidade para a interpretação de sentenças.

**Sobre o número de acertos e erros de resposta à pergunta –**

Os resultados acerca de acertos e erros para a pergunta experimental apontaram resultados significativos e que a condição PI obteve mais respostas corretas, enquanto a MA obteve o maior número de respostas erradas. A condição MI ocupou o segundo lugar quantidade de respostas erradas.

É relevante retomar a questão a respeito de como foram consideradas corretas ou incorretas as respostas para as perguntas na montagem do experimento. Para as condições MA, a resposta correta esperada era aquela que indicava que o sujeito da frase havia iniciado a ação, por exemplo: para a sentença “Durante o ensaio,/inclinou-se/o rapaz/com destreza”, a resposta esperada era “O rapaz inclinou-se”. Para frases da condição PA, como “Ainda na guerra,/capturou-se/o inimigo/com facilidade”, esperava-se respostas em que o sujeito fosse paciente em relação à ação verbal, como em “O inimigo foi capturado por algo ou alguém”. Para a condição PI, de frases como “Após a exibição,/avaliou-se/o quadro/com aprovação”, esperava-se também um sujeito paciente e interpretação como “O quadro foi avaliado por algo ou alguém”. Já para a condição MI, com frases como “Hoje de manhã,/levantou-se/o pacote/com dificuldade”, esperava-se uma interpretação também paciente para o sujeito, como “O pacote foi levantado por algo ou alguém”. Isso porque entendeu-se que sujeitos inanimados não seriam capazes de iniciar a ação expressa pelo verbo.

Portanto, para a interpretação dos dados, é necessário considerar que o participante, ao dar uma resposta “errada” na condição MI, está dizendo que considera a leitura do verbo mais tipicamente com traços de voz média que de passiva. No entanto, mesmo com um resultado chamativo de respostas com interpretação média, as respostas consideradas corretas permaneceram sendo maioria, mostrando que os sujeitos preferiram uma interpretação passiva para verbos de voz média em conjunto com sujeitos inanimados.

Com isso, é possível observar que, apesar de não ter demonstrado resultado significativo para as comparações, a condição MI demonstra questões interessantes, com características promissoras para um estudo mais aprofundado.

O mesmo pode-se dizer a respeito da condição MA, que obteve maior número de erros de resposta, encaminhando para a impressão de que os participantes, mesmo em sentenças formadas por sujeito animado, consideram os verbos de voz média tipicamente de interpretação passiva em um número considerável. Apesar

disso, o número de respostas “corretas”, ou seja, de interpretação média, anda foi maioria, com o dobro de acertos em detrimento dos erros. Assim, ainda pode-se entender que a interpretação média permanece e é relevante para os falantes de PB.

Mesmo assim, também é possível notar que a questão da voz média ainda se mostra produtiva em relação a possibilidades de investigação, pois a voz passiva demonstrou uma chance de acerto muito relevante em relação às construções com verbos de voz média. Algumas questões podem ser levantadas como possíveis influências para essa situação, como, por exemplo, a questão da posição do verbo, da partícula –se e do sujeito.

Não é irrelevante pensar que a mudança de posição dos termos da frase pudesse interferir nos tempos de processamento e no acerto das respostas. Frases como “Já na cerimônia,/corou-se/o príncipe/com aplausos”, aplicada no experimento aqui descrito, e “Já na cerimônia,/o príncipe/corou-se/com aplausos”, ou mesmo “Já na cerimônia,/se corou/o príncipe/com aplausos” parecem induzir a interpretações distintas. Com isso, fica mais uma possibilidade de investigação acerca das construções aqui analisadas.

Uma última questão interessante para ser vista nesse tópico é a de que a relação do qui-quadrado de independência mostrou não haver inter-relação entre as variáveis, informando que a voz atua de maneira autônoma da animacidade dos sujeitos para a proporção mais alta de respostas corretas. Isso se torna relevante para observar que o processamento *off-line*, tão relevante como se mostrou nos dados obtidos, não sofre influência da interação das variáveis. No entanto, essas questões foram significativas quando consideradas as condições experimentais, bem como quando observado tipo de voz verbal, tal como descrito acima.

Dessa forma, é interessante perceber que apenas em situações de construção dentro de condições específicas e com tipos diferentes de voz o sujeito fica sensível a mudanças para o tempo de leitura. Isso sugere que a animacidade, de forma independente, não é capaz de produzir efeito significativo, mas unida ao tipo de voz exerce influência em diversos aspectos, confirmando parcialmente o previsto como hipótese inicial.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A falta de estudos baseados em metodologia experimental mostrou-se uma questão relevante para a composição deste trabalho, pois os verbos de voz média são observados através de diferentes posicionamentos tradicionais e teorias linguísticas que não chegam a um consenso sequer sobre a sua existência.

Associado a isso, vê-se a formação da voz passiva sintética, formalmente idêntica àquela, que possui propriedades semânticas distintas, que fazem com que o sujeito a que se relaciona possua característica de paciente da ação verbal. Isso deixa claro que não apenas questões morfológicas conseguem categorizar tais verbos em diferentes vozes, mas também semânticas e possivelmente até sintáticas.

Com isso, percebendo o que Camacho (2003) teoriza, nota-se que é tecida uma análise funcionalista do tema, que legitima a verificação da interpretação dos sujeitos falantes da língua, reiterando a necessidade de investigação experimental. No entanto, mesmo para as categorias sugeridas por Camacho (2003) como pertencentes à categoria de voz média, notou-se, através dos testes preliminares, que determinados verbos permitem ambiguidade de interpretação para categorização como voz média ou reflexiva. Essa situação abre um caminho bastante interessante para análise futura a respeito dos elementos constitutivos entre essas vozes verbais.

Dessa forma, percebe-se a importante contribuição de trabalhos experimentais como este para a análise do processamento de construções como as investigadas em Português Brasileiro, ainda tão escassas, e que podem trazer descobertas importantes acerca do processamento de sentenças frequentes na comunicação dos falantes dessa língua.

Visto isso, analisou-se a relação entre sujeito-verbo, considerando aspectos de animacidade e voz respectivamente, a fim de verificar como essa relação poderia levar a interferências de interpretação; bem como o tempo de leitura para cada segmento, visto que se imaginou que verbos de voz passiva seriam mais facilmente processáveis, por aparentemente terem menos traços para processamento na sentença. As questões que envolvem o estudo das vozes verbais aqui observadas mostraram-se bastante produtivas, mostrando que investigar experimentalmente as nuances de suas características é importante para observar como o falante interage com o conteúdo de cada uma dessas categorias.

Com os resultados do experimento, foi possível perceber que a relação sujeito-verbo dentro das frases experimentais analisadas pouco teve relevância para a análise, o que mostra haver ainda mais pontos a serem analisados no que diz respeito à constituição sintática, semântica, ou outras questões que, porventura, possam interferir na interpretação desses verbos para uma categoria ou outra.

Após a observação, experimentação e análise mais detalhadas acerca da temática que envolve os verbos de voz média e de voz passiva sintética, em conjunto com sujeitos animados ou inanimados, obteve-se resultados que mostram que a voz passiva, ao contrário do que se imaginava inicialmente, é mais lenta em relação à voz média. Isso sugere que a composição daquele tipo de voz verbal possui mais questões a serem averiguadas do que se concebeu na análise desenvolvida, dentro dos parâmetros aplicados.

Os resultados para o tempo de resposta à pergunta e o seu número de acertos e erros se mostraram bastante relevantes para a análise, inicialmente subestimados para investigação no primeiro experimento. Esses efeitos apontam para a compreensão de que o participante, apesar de levar mais tempo para processar a leitura de verbos de voz passiva no segmento crítico, consegue responder perguntas mais rapidamente sobre sentenças dentro dessa mesma variável. Assim, pode-se supor que o falante passa por mais processos para a leitura de verbos de voz passiva no segmento crítico, mas produz ligações mais rápidas com ele após gerar e computar informações sobre a frase lida. O mesmo se deu para perguntas sobre frases formadas por sujeitos animados, o que era esperado, devido à familiaridade e reconhecimento do traço de [+animado] ser mais facilmente processado pelos seres humanos. (SOUZA, 2015)

Além disso, mostraram-se questões interessantes na relação sujeito-verbo, principalmente para a resposta à pergunta, deixando claro que essa relação é produtiva e ainda pode proporcionar maiores avanços investigativos dentro da perspectiva experimental.

Assim, pode-se perceber que é necessário haver mais investigações sobre as (várias) complexidades que envolvem as condições experimentais analisadas, visto que a voz média e a voz passiva sintética ainda se demonstram problematizadoras em muitos aspectos.

Ficam sugeridos aqui questionamentos tais como os acerca da mais provável constituição arbórea das estruturas verbais que embasam cada voz verbal, observada

a construção da sentença relacionada aos sujeitos animados ou inanimados, a fim de verificar se isso consegue revelar questões que expliquem o atraso para o tempo de leitura de verbos de voz passiva, por exemplo.

Apesar de já haver um rico percurso teórico envolvendo essa temática, fica nítido que ainda não está finalizada a discussão e a problematização para essa questão, e deseja-se, com este trabalho, trazer contribuições para o campo psicolinguístico experimental e para as futuras investigações aqui plantadas.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2014.
2. BECHARA, Evanildo. **Gramática fácil**. 1. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
3. CAMACHO, Roberto Gomes. **Em defesa da categoria de voz média no português**. DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 19, n.1, p. 91-122, 2003.
4. CAMACHO, Roberto Gomes. **A gradação tipológica das construções de voz**. Gragoatá (UFF), v. 21, p. 167-189, 2006.
5. CAMARA JR., J. M. **Dicionário de Lingüística e Gramática**: Referente à Língua Portuguesa. Petrópolis: Vozes, 1977.
6. \_\_\_\_\_. **Princípios de lingüística geral**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 4<sup>a</sup> ed. revista e aumentada, 1972.
7. \_\_\_\_\_. **Princípios de Linguística Geral**. 1. ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., 1941.
8. CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2010.
9. CEREJA, William Roberto; MAGALHAES, Thereza Cochard. **Gramática reflexiva**: texto, semântica e interação. 2. ed., São Paulo: Atual, 2005.
10. CHAFE, Wallace L. **Significado e Estrutura Lingüística**. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1979.
11. CIRÍACO, L. **A hipótese do contínuo entre o léxico e a gramática e as construções incoativa, medial e passiva do PB**. Belo Horizonte, 2011. Tese de doutorado.
12. CUNHA, Maria Angélica Furtado da; TAVARES, Maria Alice. **Funcionalismo e ensino de gramática**. Natal-RN: EDUFRN, 2016. Disponível em <https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/21375/3/Funcionalismo%20e%20ensino%20de%20gram%c3%a1tica%20%28livro%20digital%29.pdf>. Acesso em 09/09/2020.
13. DUARTE, P. M. T. **A voz média em português**: seu estatuto. In: Seção de Lingüística; Departamento de Estudos Portugueses e de Estudos Românicos.

- (Org.). *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*. 1ed. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005, v. II, p. 783-794.
14. FERRARI NETO, J.; SILVA, Cláudia Roberta Tavares; FORTES, Fábio. **A interpretação passiva/indeterminada de construções com a partícula se em tempos simples do português brasileiro** - um estudo em sintaxe experimental. DLCV (UFPB), v. 7, p. 39-56, 2010.
15. FERRARI NETO, J.; SILVA, Cláudia Roberta Tavares (Org.). **Programa Minimalista em Foco**: Princípios e Debates. 1. ed. Curitiba: Editora CRV, 2012. v. 1. 109p.
16. GODOY, Luisa Andrade Gomes. **A reflexivização no PB e a decomposição semântica de predicados**. Tese de doutorado. Belo Horizonte, UFMG, 2012.
17. JESUS, Daniela Brito de. **Efeitos de priming sintático em português brasileiro: um estudo eletrofisiológico**. Tese (doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.
18. KRAMER, Rossana. **O efeito de priming sintático na leitura de sentenças na voz passiva por bons e maus leitores dos 5º e 6º anos do ensino fundamental**. Tese de doutorado. Porto Alegre, PUCRS, 2017.
19. KEMMER, S. Middle voice, transitivity and the elaboration of events. In: B. Fox, P.J. Hopper (eds.) **Voice**: form and function. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins: 179-230, 1994.
20. KENEDY, E. **Curso básico de linguística gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013.
21. KLAIMAN, M. H. Affectedness and control: a typology of voice systems. In: SHIBATANI, M. (ed.). **Passive and Voice**. Typological Studies in Language. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins: 25-84, 1988.
22. LACERDA, Maria Cláudia Mesquita. **O processamento da anáfora se em português brasileiro**: comparando dados de Minas Gerais e Paraíba. Dissertação de mestrado. João Pessoa, UFPB, 2014.
23. LAGE, A. C. **O traço de animacidade**. Confluência (Rio de Janeiro), v. 37, p. 1-10, 2010.
24. MAIA, M. A. R.; OLIVEIRA, R. C. de; SANTOS, S. L. dos. Este título Ieria mais claramente em Karajá do que em Xavante ou em Português: um estudo comparativo sobre o processamento da alternância causativa. In: Luciana Storto; Bruna Franchetto; Suzi Lima. (Org.). **Sintaxe e semântica do verbo em**

- Línguas indígenas do Brasil.** 1. ed. Campinas: Mercado das Letras, 2015, p. 197-220.
25. MARTELOTTA, M. E. T. (org.). **Manual de Lingüística.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
26. MIOTO, C.; FIGUEIREDO SILVA, M. C.; LOPES, R. E. V. . **Novo manual de sintaxe.** 1. ed., 2<sup>a</sup> reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.
27. PACHECO, Vera. SANTOS, Alcione de Jesus. A fluência e compreensão leitora em diferentes níveis de escolaridade. **Confluência**, v. 1, p. 232-256, 2017.
28. SANTOS, Sabrina Lopes dos; MAIA, Marcus. **Voz média, incoativos e causativos: um estudo de Sintaxe Experimental.** SOLETRAS – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística – PPLIN Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Número 33, 2017.
29. SAID ALI, Manoel. **Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguêsa.** 3. ed., Brasília: Editôra Universidade de Brasília, 1964.
30. SILVA, Camilo Rosa. Aspectos teóricos da mudança por gramaticalização. In: LEANDRO, M. L da S; ARANHA, S. D. de G; PEREIRA, T. M. A.. (Org.). **Os sentidos (des)velados pela linguagem.** João Pessoa: Idéia, 2012, v. I, p. 181-195.
31. SOUZA, Cristiane Ramos de. **Animacidade e papéis temáticos:** um estudo experimental. Rio de Janeiro, 2015. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro

## 7 ANEXOS

### Anexo 1 – Frases e opções de resposta para teste piloto

Frase	Opção 1	Opção 2
Para o desafio, abaixou-se o menino com rapidez.	O menino se abaixou	Alguém/algum abaixou o menino
Para o desafio, abaixou-se a bandeira com rapidez.	A bandeira se abaixou	Alguém/algum abaixou a bandeira
Durante a cerimônia, curvou-se o criado com respeito.	O criado se curvou	Alguém/algum curvou o criado
Durante a cerimônia, curvou-se a cabeça com respeito.	A cabeça se curvou	Alguém/algum curvou a cabeça
Durante a festa, alegrou-se o público com músicas.	O público se alegrou	Alguém/algum alegrou o público
Durante a festa, alegrou-se o ambiente com músicas.	O ambiente se alegrou	Alguém/algum alegrou o ambiente
Hoje de manhã, levantou-se o jovem com dificuldade.	O jovem se levantou	Alguém/algum levantou o jovem
Hoje de manhã, levantou-se a carga com dificuldade.	A carga se levantou	A carga se levantou
Durante o tumulto, afastou-se o garoto com agilidade.	O garoto se afastou	Alguém/algum afastou o garoto
Durante o tumulto, afastou-se o perigo com agilidade.	O perigo se afastou	Alguém/algum afastou o perigo
Durante o ensaio, inclinou-se o rapaz com destreza.	O rapaz se inclinou	Alguém/algum inclinou o rapaz
Durante o ensaio, inclinou-se o quadro com destreza.	O quadro se inclinou	Alguém/algum inclinou o quadro
Depois da folia, retirou-se o turista com pressa.	O turista se retirou	Alguém/algum retirou o turista
Depois da folia, retirou-se a sujeira com pressa.	A sujeira se retirou	Alguém/algum retirou a sujeira
Após a sessão, irritou-se o cliente com excesso.	O cliente se irritou	Alguém/algum irritou o cliente
Após a sessão, irritou-se a pele com excesso.	A pele se irritou	Alguém/algum irritou a pele
Após o jogo, acalmou-se a torcida com rapidez.	A torcida se acalmou	Alguém/algum acalmou a torcida
Após o jogo, acalmou-se o ânimo com rapidez.	O ânimo se acalmou	Alguém/algum acalmou o ânimo

## Anexo 2 – Listas de aplicação do primeiro experimento

### 2.1 Lista 01

Estímulos	Pergunta-sonda	Resposta esperada	Condição experimental
Para o desafio,/abaixou-se/o menino/com rapidez.	O menino caiu?	n	MA
Ainda na guerra,/capturou-se/a bandeira/com facilidade.	A bandeira estava rasgada?	n	PI
Durante a celebração,/curvou-se/o príncipe/com respeito.	A cerimônia aconteceu?	s	MA
Já na cerimônia,/corou-se/a cabeça/com aplausos.	Houve uma coroação?	s	PI
Hoje de manhã,/levantou-se/o menino/com dificuldade.	O menino estava correndo?	n	MA
Já de madrugada,/recebeu-se/o pacote/com preocupação.	O pacote chegou?	s	PI
Durante o tumulto,/afastou-se/o garoto/com agilidade.	Aconteceu uma festa temática?	n	MA
Após a briga,/eliminou-se/o perigo/com frieza.	O perigo continuou?	n	PI
Durante o ensaio,/inclinou-se/o quadro/com destreza.	O quadro tinha arranhões?	n	MI
Após a exibição,/avaliou-se/o rapaz/com aprovação.	O rapaz fez uma exibição?	s	PA
Depois da folia,/retirou-se/a sujeira/com rapidez.	A limpeza foi apressada?	s	MI
Ainda no passeio,/apanhou-se/o turista/com engajamento.	O passeio aconteceu?	s	PA
Após a sessão,/irritou-se/o humor/com excesso.	O humor foi prejudicado?	s	MI
Já no hospital,/observou-se/o cliente/com atenção.	A observação foi feita?	s	PA
Após o jogo,/acalmou-se/o ânimo/com rapidez.	Houve tumulto após o jogo?	n	MI
Visto o resultado,/destruiu-se/o torcedor/com tristeza.	O torcedor ficou triste?	s	PA

## 2.2 Lista 02

Estímulos	Pergunta-sonda	Resposta esperada	Condição experimental
Durante o ensaio,/inclinou-se/o rapaz/com destreza.	O rapaz deu piruetas?	n	MA
Após a exibição,/avaliou-se/o quadro/com aprovação.	A avaliação aconteceu?	s	PI
Depois da folia,/retirou-se/o turista/com rapidez.	O turista estava triste?	n	MA
Ainda no passeio,/apanhou-se/a sujeira/com engajamento.	O local estava limpo?	n	PI
Após a sessão,/irritou-se/o cliente/com excesso.	O cliente ficou satisfeito?	n	MA
Já no hospital,/observou-se/a pele/com atenção.	Aconteceu uma aula?	n	PI
Após o jogo,/acalmou-se/o torcedor/com rapidez.	O torcedor era violento?	n	MA
Visto o resultado,/destruiu-se/o ânimo/com tristeza.	O resultado foi ruim?	s	PI
Para o desafio,/abaixou-se/a bandeira/com rapidez.	Aconteceu um desafio?	s	MI
Ainda na guerra,/capturou-se/o menino/com facilidade.	Havia um menino?	s	PA
Durante a celebração,/curvou-se/a cabeça/com respeito.	O participante era respeitoso?	s	MI
Já na cerimônia,/corou-se/o príncipe/com aplausos.	Houve um aniversário?	n	PA
Hoje de manhã,/levantou-se/o pacote/com dificuldade.	O pacote foi roubado?	n	MI
Já de madrugada,/recebeu-se/o menino/com preocupação.	O menino chegou tarde?	s	PA
Durante o tumulto,/afastou-se/o perigo/com agilidade.	Existia uma situação perigosa?	s	MI
Após a briga,/eliminou-se/o garoto/com frieza.	O lugar estava calmo?	n	PA

## Anexo 3 – Listas de aplicação do segundo experimento

### 3.1 Lista experimental 1 para segundo experimento

Estímulos	Opção de resposta 01	Opção de resposta 02	Resposta correta esperada	Condição
Para o desafio,/abaixou-se/o menino/com rapidez.	O menino abaixou-se	O menino foi abaixado por algo ou alguém	primeira opção correta	MA
Ainda na guerra,/capturou-se/a bandeira/com facilidade.	A bandeira capturou-se	A bandeira foi capturada por algo ou alguém	segunda opção correta	PI
Durante a celebração,/curvou-se/o príncipe/com respeito.	O príncipe curvou-se	O príncipe foi curvado por algo ou alguém	primeira opção correta	MA
Já na cerimônia,/corou-se/a cabeça/com aplausos.	A cabeça corou-se	A cabeça foi coroada por algo ou alguém	segunda opção correta	PI
Hoje de manhã,/levantou-se/o menino/com dificuldade.	O menino levantou-se	O menino foi levantado por algo ou alguém	primeira opção correta	MA
Já de madrugada,/recebeu-se/o pacote/com preocupação.	O pacote recebeu-se	O pacote foi recebido por algo ou alguém	segunda opção correta	PI
Durante o tumulto,/afastou-se/o garoto/com agilidade.	O garoto afastou-se	O garoto foi afastado por algo ou alguém	primeira opção correta	MA
Após a briga,/eliminou-se/o perigo/com frieza.	O perigo eliminou-se	O perigo foi eliminado por algo ou alguém	segunda opção correta	PI
Durante o ensaio,/inclinou-se/o quadro/com destreza.	O quadro inclinou-se	O quadro foi inclinado por algo ou alguém	segunda opção correta	MI
Após a exibição,/avaliou-se/o rapaz/com aprovação.	O rapaz avaliou-se	O rapaz foi avaliado por algo ou alguém	segunda opção correta	PA
Depois da folia,/retirou-se/a sujeira/com rapidez.	A sujeira retirou-se	A sujeira foi retirada por algo ou alguém	segunda opção correta	MI
Ainda no passeio,/apanhou-se/o turista/com engajamento.	O turista apanhou-se	O turista foi apanhado por alguém	segunda opção correta	PA
Após a sessão,/irritou-se/o humor/com excesso.	O humor irritou-se	O humor foi irritado por algo ou alguém	segunda opção correta	MI
Já no hospital,/observou-se/o cliente/com atenção.	O cliente observou-se	O cliente foi observado por algo ou alguém	segunda opção correta	PA
Após o jogo,/acalmou-se/o ânimo/com rapidez.	O ânimo acalmou-se	O ânimo foi acalmado por algo ou alguém	segunda opção correta	MI
Visto o resultado,/destruiu-se/o torcedor/com tristeza.	O torcedor destruiu-se	O torcedor foi destruído por algo ou alguém	segunda opção correta	PA

### 3.2 - Lista experimental 2 para segundo experimento

Estímulos	Opção de resposta 01	Opção de resposta 02	Resposta correta esperada	Condição
Durante o ensaio,/inclinou-se/o rapaz/com destreza.	O rapaz inclinou-se	O rapaz foi inclinado por algo ou alguém	primeira opção correta	MA
Após a exibição,/avaliou-se/o quadro/com aprovação.	O quadro avaliou-se	O quadro foi avaliado por algo ou alguém	segunda opção correta	PI
Depois da folia,/retirou-se/o turista/com rapidez.	O turista retirou-se	O turista foi retirado por algo ou alguém	primeira opção correta	MA
Ainda no passeio,/apanhou-se/a sujeira/com engajamento.	A sujeira apanhou-se	A sujeira foi apanhada por algo ou alguém	segunda opção correta	PI
Após a sessão,/irritou-se/o cliente/com excesso.	O cliente irritou-se	O cliente foi irritado por algo ou alguém	primeira opção correta	MA
Já no hospital,/observou-se/a pele/com atenção.	A pele observou-se	A pele foi observada por algo ou alguém	segunda opção correta	PI
Após o jogo,/acalmou-se/o torcedor/com rapidez.	O torcedor acalmou-se	O torcedor foi acalmado por algo ou alguém	primeira opção correta	MA
Visto o resultado,/destruiu-se/o ânimo/com tristeza.	O ânimo destruiu-se	O ânimo foi destruído por algo ou alguém	segunda opção correta	PI
Para o desafio,/abaixou-se/a bandeira/com rapidez.	A bandeira abaixou-se	A bandeira foi abaixada por algo ou alguém	segunda opção correta	MI
Ainda na guerra,/capturou-se/o inimigo/com facilidade.	O inimigo capturou-se	O inimigo foi capturado por algo ou alguém	segunda opção correta	PA
Durante a celebração,/curvou-se/a cabeça/com respeito.	A cabeça curvou-se	A cabeça foi curvada por algo ou alguém	segunda opção correta	MI
Já na cerimônia,/corouu-se/o príncipe/com aplausos.	O príncipe corouu-se	O príncipe foi coroado por algo ou alguém	segunda opção correta	PA
Hoje de manhã,/levantou-se/o pacote/com dificuldade.	O pacote levantou-se	O pacote foi levantado por algo ou alguém	segunda opção correta	MI
Já de madrugada,/recebeu-se/o menino/com preocupação.	O menino recebeu-se	O menino foi recebido por algo ou alguém	segunda opção correta	PA
Durante o tumulto,/afastou-se/o perigo/com agilidade.	O perigo afastou-se	O perigo foi afastado por algo ou alguém	segunda opção correta	MI
Após a briga,/eliminou-se/o garoto/com frieza.	O garoto eliminou-se	O garoto foi eliminado por algo ou alguém	segunda opção correta	PA

#### Anexo 4 – Tabela de frequênciade palavras

Ortografia	Cat_gram	Freq_orto	Freq_orto/M	Log10_freq_orto	Zipf_escala	Nb_letras
Abaixar	ver	42	1.3385	1,6232	3,1360	7
Acalmar	ver	147	4,6849	2,1673	3,6801	7
Afastar	ver	497	15,8393	2,6964	4,2091	7
Ânimo	nom	268	8,5411	2,4281	3,9409	5
Apanhar	ver	125	3,9837	2,0969	3,6097	7
Avallar	ver	978	31,1687	2,9903	4,5031	7
Bandeira	nom	941	29,9895	2,9736	4,4864	8
Cabeça	nom	4268	136,0203	3,6302	5,143	6
Capturar	ver	95	3,0276	1,9777	3,4905	8
Cliente	nom	2037	64,9188	3,309	4,8218	7
Coroar	ver	21	0,6693	1,3222	2,8350	6
Criança	nom	2434	77,5711	3,3863	4,8991	7
Curvar	ver	19	0,6055	1,2788	2,7915	6
Destruir	ver	397	12,6523	2,5988	4,1116	8
Eliminar	ver	706	22,5001	2,8488	4,3616	8
Garoto	nom	986	31,4236	2,9939	4,5067	6
Humor	nom	1252	39,901	3,0976	4,6104	5
Inclinar	ver	14	0,4462	1,1461	2,6589	8
Inclinou-se	ver	26	0,8286	1,4150	2,9278	11
Inimigo	nom	710	22,6276	2,8513	4,364	7
Irritar	ver	78	2,4858	1,8921	3,4049	7
Levantar	ver	581	18,5164	2,7642	4,277	8
Menino	nom	1467	46,753	3,1664	4,6792	6
Observar	ver	728	23,2012	2,8621	4,3749	8
Pacote	nom	1497	47,7091	3,1752	4,688	6
Perigo	nom	1173	37,3833	3,0693	4,5821	6
Príncipe	nom	521	16,6042	2,7168	4,2296	8
Quadro	nom	3745	119,3524	3,5735	5,0862	6
Rapaz	nom	1151	36,6821	3,0611	4,5739	5
Receber	ver	4032	128,499	3,6055	5,1183	7
Retirar	ver	1065	33,9413	3,0273	4,5401	7
Sujeira	nom	149	4,7486	2,1732	3,686	7
Torcedor	nom	574	18,2933	2,7589	4,2717	8
Turista	nom	464	14,7876	2,6665	4,1793	7

Legenda: Voz média; Voz passiva; Sujeito